NUM. 103 SABBADO 21 DE MAIO DE 1910 ANNO III

CARETA

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

A macaqueação argentina ou o couraçado CARAMBA!

A. Doublet — 149 — Rua do Ouvidor — 149

Salão reservado para Senhoras — Grande Sortimento de grampos passadores etc. — Envia-se o catalogo *gratis*

TURBAN
Para volta da cabeça
desde 30$000

Penteado ultima moda com **Calot** e **Boucles**

CALOT
em cabellos ondeação natural desde 15$000

L'IDÉAL em cabellos implantados, de uma orelha a outra — podendo ser aproveitado com o penteado moderno — em cabellos *frisure naturelle* desde 60$000

SO'

É calvo quem quer
Perde cabellos quem quer
Tem barba falhada quem quer
Tem caspa quem quer

Porque o

PILOGENIO

FAZ NASCER NOVOS CABELLOS, IMPEDE A SUA QUEDA, FAZ VIR UMA BARBA FORTE E SADIA E FAZ DESAPPARECER COMPLETAMENTE A CASPA E QUAESQUER PARASITAS DA CABEÇA OU DA BARBA

Numerosos casos de curas em pessoas conhecidas são a prova de sua efficacia.

A' venda nas boas pharmacias, drogarias, perfumarias e no deposito,

DROGARIA FRANCISCO GIFFONI & COMP.

Rua Primeiro de Março, 17, antigo 9 — RIO DE JANEIRO

O "Veedee"

VIBRADOR PARA MASSAGEM — O "VEEDEE" como meio de adquirir e conservar a Belleza do Corpo

BELLEZA DA FORMA

Ao passo que rolam os annos sobre nós, e chegam e vão-se os verões, dois males ameaçam a mulher que deseja permanecer jovem e attrahente. Ou fica descarnada ou secca, ou engorda com muita rapidez. Para ambos elles, offerece uma cura a massagem vibratória.

Bem pode extranhar o leitor que a cura que se applica a um também sirva para outro. Mas bastarão alguns minutos de reflexão para facilmente convencer-se qualquer de como tal é o caso. O corpo magro e descarnado é devido á contracção dos musculos e fibras gordas debaixo da pelle, em consequencia da perda do proprio exercício e estimulo. O VEEDEE actua directamente sobre estes musculos e fibras, sem esforço algum da parte de quem o usa, e assim restaura os musculos e as fibras, dando ao corpo certa flexibilidade e uma forma arredondada. Para encher as cavidades do pé do pescoço banham-se ellas com agua fria e applica-se a peça de cálice e bola do VEEDEE atravez da clavicula, movendo-se de um lado para o outro, de hombro a hombro, e sem parar a manivela em todo esse tempo. De dez a quinze minutos durante o dia será tempo amplo para em breve espaço alcançar-se um resultado permanente, dividindo-se em duas secções esse mesmo tempo, sendo empregada pela manhã a metade, e a outra metade nas horas de vestir-se á tarde.

O BUSTO

Vendem-se a preços normaes unguentos e loções em abundancia para o desenvolvimento do busto, mas que deixam de attingir ao fim desejado. O busto, como todas as outras partes ao corpo, tem um organismo muscular. Por falta de exercício estes musculos ficam flaccidos e se contrahem; ou, como se dá com muitas mulheres, nunca teem desenvolvimente algum. A vibracção com o VEEDEE dá-lhes exercícios e estimulo, auxiliando poderosamente o seu crescimento.

Em primeiro logar banham-se os peitos em agua quente, enxugam-se bem e se applica á parte inferior d'um delles a peça de "cálice e bola" do VEEDEE. Agora faz-se a manivela, e gradualmente se revolve ao redor d'elle em sentido de baixo para cima. Depois trata-se o outro da mesma forma. Devem dedicar-se a este tratamento dez minutos de manhã, e outros dez de tarde, e durante o tempo em que se usa o VEEDEE fazem-se os exercícios seguintes: —

Estando em pé em posição perfeitamente perpendicular toma-se folego, todo o folego, e pelo maior tempo possível, inhalando-se muito devagar e exhalando se da mesma forma. Deve-se conservar o folego pelo tempo mais largo possível antes de exhalar.

Extendem-se os braços em todo o seu comprimento contorneando-os com um movimento circular por cima da cabeça, como no jogo do salto sobre a corda. Estes exercicios devem levar também uns dez minutos, e causarão uma grande e agradavel surpresa o crescimento e melhoramento do busto.

BRAÇOS DELGADOS

Braços bonitos e roliços são essenciaes para a mulher do bom tom, que está constantemente precisando trajar vestidos decotados. A vibração com o VEEDEE cedo torna um braço descarnado n'outro bem cheio e roliço.

CARNES SUPERFLUAS

Passamos agora a tratar d'um outro e maior mal. — a accumulação de carnes superfluas. Isto pode reduzir-se facilmente em qualquer parte do corpo mediante o uso do VEEDEE. Não é necessaria nenhuma alteração de dieta, nem abnegação alguma de qualquer prato favorito. Effectuando o consumo da gordura nas partes molles do corpo, a vibração com o VEEDEE, d'uma forma gradual mas certa, reduzirá o peso e transformará n'uma pessoa delgada e elegante a mulher gorda, pesada e corpulenta.

AGENTE GERAL PARA TODA AMERICA DO SUL: — EASTON GARRETT

Depositarios Geraes no Brazil:

Orlando Rangel & C.

Avenida Central, 140 — Rio de Janeiro

UNICOS AGENTES EM S. PAULO:

BARUEL & C. — RUA DIREITA N. 1, S. PAULO

DEPOSITARIOS EM PORTO ALEGRE:

J. A. BAPTISTA PEREIRA — RUA DO COMMERCIO N. 2 A

CIDADE DO RIO GRANDE — HALLAWELL & C. — DROGARIA INGLEZA

CURYTIBA — KALCKMANN & C. — DROGARIA

Peça-se folheto explicatorio n. 2

ULTIMA NOVIDADE!

"LA RIVIERA"

Perfumaria de alta concentração especialmente preparada por COTY, Paris

para a CASA HERMANNY

EXTRACTO, PÓ DE ARROZ, SABONETE, LOÇÃO E AGUA DE TOILETTE

A Saude da Mulher!

CLINICOU EM PARIZ E SABE O QUE DIZ

Eu, abaixo assignado, doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro e de Pariz, onde exerci a clinica durante longos annos, declaro e affirmo, sob fé de meu grão, que durante a minha clinica ainda não encontrei medicamento tão efficaz para as molestias uterinas, principalmente para a irregularidade dos menstruos, tão commum, como seja a *Saude da Mulher*.

Ao mesmo tempo declaro que tenho empregado diversas vezes e com feliz resultado o *Bromil*, medicamento bastante conhecido para a tosse, bronchite, coqueluche, etc.

Quanto á pomada *Boro-Boracica*, é um preparado muito bom para queimaduras, feridas, etc., etc.

Rio de Janeiro, 16 de Agosto de 1909. — DR. VALERIANO RAMOS.

430, RUA DO RIACHUELO, 430 — Rio de Janeiro

Depositarios: — DROGARIA PACHECO. — ARAUJO FREITAS & C. — GRANADO & C.
SILVA GOMES & C. — FREIRE GUIMARÃES & C.

CHÁ

"O MELHOR"

NA OPINIÃO DOS FREGUEZES
"O MAIS ECONOMICO" COMO SE PÓDE
VERIFICAR PELA EXPERIENCIA
Á VENDA EM TODOS OS ARMAZENS

Depositaria: CASA HERMANNY.

LEGITIMOS
CHARUTOS DE HAVANA

La Flor de Morales,
La Legitimidad e La Manteiga

AVISO IMPORTANTE

Essas marcas são fabricadas por proprietarios independentes, que, de nenhuma forma se acham ligados a qualquer Trust Americano que seja.

DEPOSITARIA: CASA HERMANNY

REDACÇÃO E OFFICINAS: RUA DA ASSEMBLÉA, 70 — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS | NUMERO AVULSO
ANNO . . . . . . 15$000 | SEMESTRE . . . 8$000 || CAPITAL . . . . . 300 Rs. | ESTADOS . . . 400 Rs.

EDIÇÃO DE "KÓSMOS"

N. 103 | RIO DE JANEIRO — Sabbado — 21 — Maio — 1910 | ANNO III

João do Rio

ALMANACH DAS GLORIAS

VI

João do Rio

João do Rio, alcunhado Paulo Barreto, tem o bom humor peculiar aos gordos e a generosidade risonha de quem na vida só encontra seres que lhe são inferiores pelo coração e pelo espirito.

Acaba de ser installado na ephemera immortalidade da Academia, guindando-se ás olympicas alturas donde a morte, com tão grave desrespeito ás prerogativas academicas, derribou a figura bohemia de Guimarães Passos.

Essa commoda installação corrrespondeu aos nobres desejos de toda a juventude ledora, pois representa o definitivo conforto das opulentas banhas litterarias do moço autor no velludo metaphorico de uma poltrona que se dizia destinada a receber, como uma penna contundente, o doirado espadão do generalato.

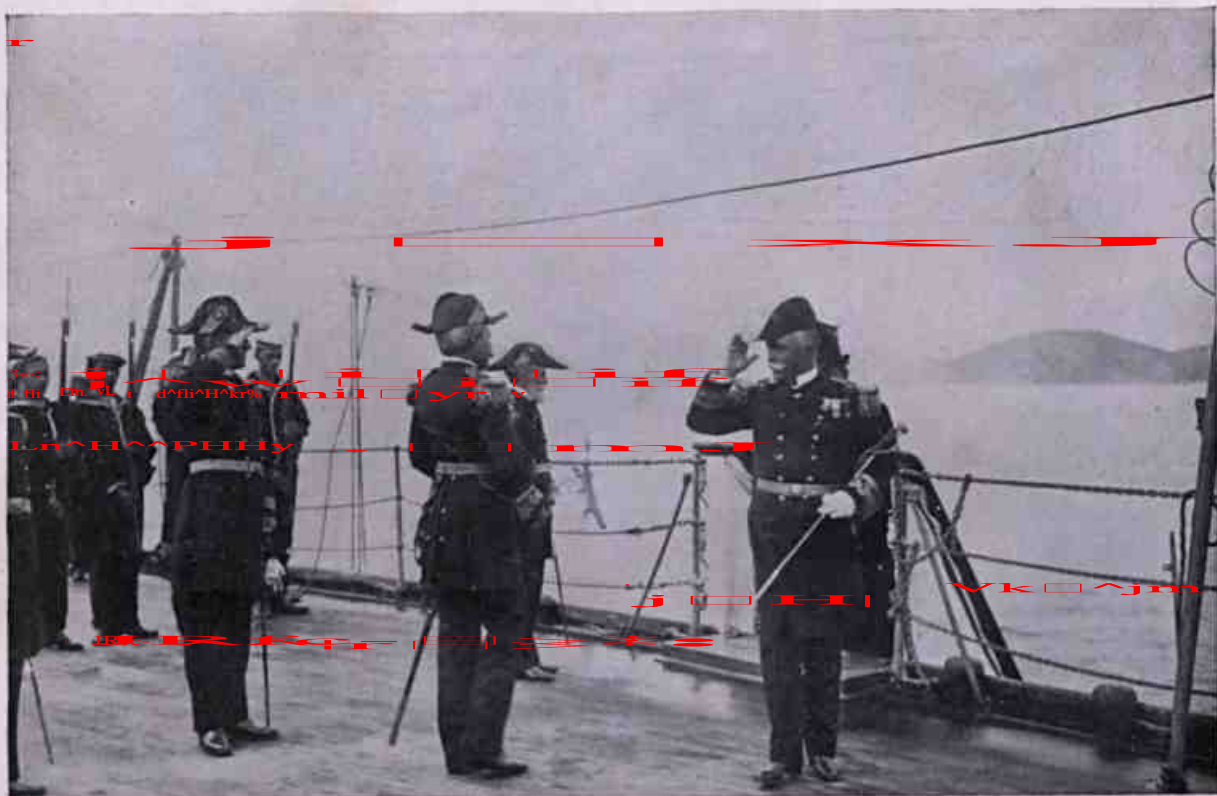
Prodigalisando amaveis louvores em suas innumeraveis chronicas, João do Rio tem, de modo inoffensivo, revellado não ser digno de temor, merecendo as aggressivas picuinhas dos elogiados e os atrevidos dispauterios dos candidatos á consagração.

Conta, entre os seus livros, a *Salomé*, que verteu do inglez de Oscar Wild para o nosso harmonioso gallo-portuguez ; as *Religiões do Rio*, em que, com poderosa imaginação, demonstrou o seu alto valor de fabulista ; o *Movimento literario*, manhosa trama de insinuações urdida com a mão dos outros ; a *Alma encantadora das ruas* e o *Cinematographo*, interessantes colleções de aspectos cariocas vistos da tranquillidade de um gabinete forrado de livros francezes.

Quasi todos os litteratos, mesmo alguns dos que o elegeram *immortal*, affirmam, na sinceridade das expansões intimas, que o estylo de João do Rio é deploravel. Estas positivas affirmações parecem mascarar o juizo verdadeiro das insuspeitas autoridades que as formulam.

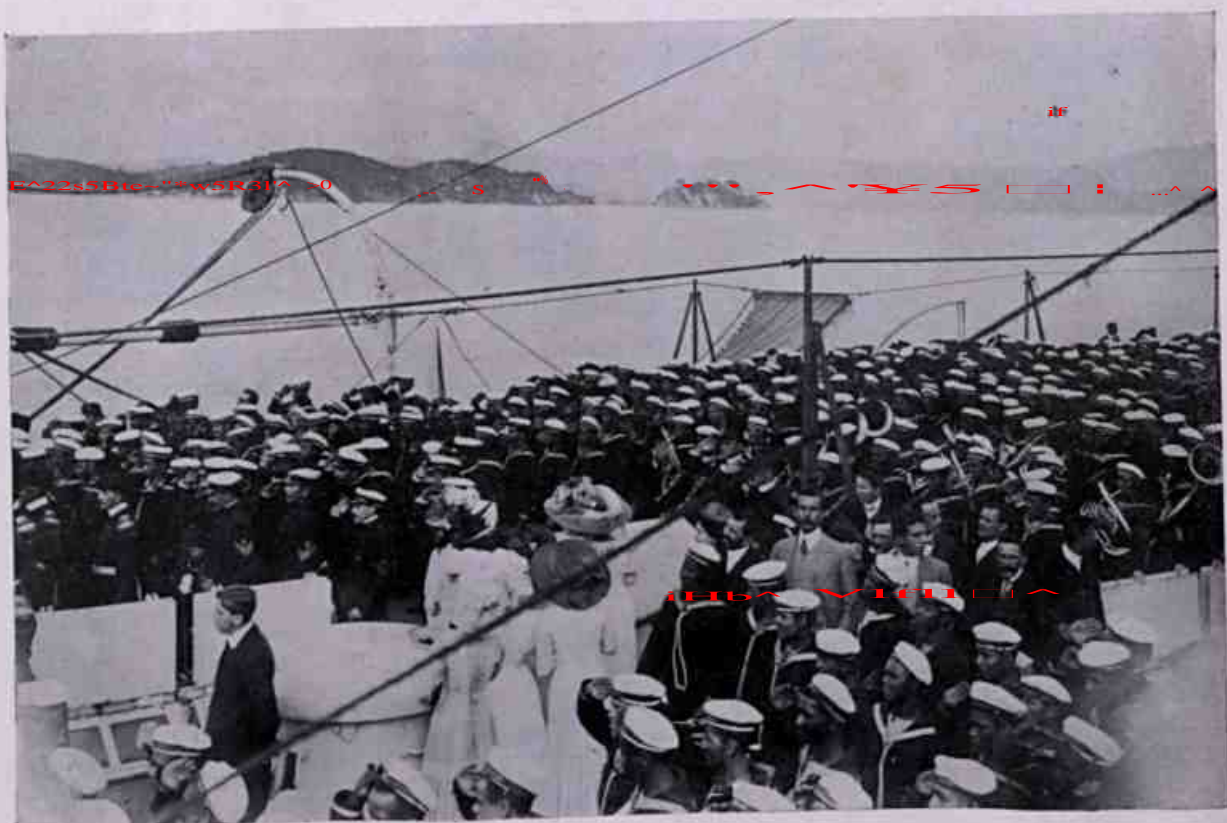
Dizem, em resumo, que o novo immortal academico é litterariamente um zero e não tem existencia real nas lettras, mas todos o vêm ; e que é absolutamente nullo, sendo certo, porém, que o invejam com raiva os que proclamam a sua absoluta nullidade.

VOL-TAIRE

Couraçado Minas Geraes

O almirante Alexandrino de Alencar, ministro da Marinha, recebido a bordo pelo Chefe do Estado Maior Naval, commandante e officiaes do couraçado.

O Almirante Chefe do Estado Maior da Armada, lendo o discurso em que agradeceu ao povo mineiro a bandeira offerecida ao couraçado.

Couraçado Minas Geraes

O commandante Baptista das Neves arvorando a bandeira bordada pelas senhoras de Minas e offerecida ao grande couraçado em nome do povo mineiro.

A marinhagem no momento de ser içada a bandeira offerecida pelo povo mineiro.

GAVETA DE CARTAS

Hundibas (Rio). Dirija-se á redacção do *Jornal do Commercio*, ou então tome informações com o Dr. Carlos de Laet.

Valdetáro Lins (Villa Aurora). Seu *chapéo de sol* não logrou ser publicado. E' muito ingenuo.

Manuel da Paz (Sergipe). Qual, seu Paz, não ha de ser com versos assim que o senhor conquistará a celebridade! Começamos por não entendel-os:

> *Azulada* barquinha da descrença
> Vagando em mar de vagar ou de *anil*
> Quem me dera a teu bordo em mez de Abril
> Na curva *azul* d'essa amplidão immensa!

Os nossos companheiros mal ouviram essa primeira quadra: *azularam* todos.

Suetonio Irrequieto (Rio). Seu conto *Vagamundo* é bem mal feito! Que diabo, saiba ao menos o significado ás palavras: "No instante exacto em que exhausto de cansaço poz o pé no portal da entrada rolou por terra *entanguido* pela fome, o pobre mendigo, ao passo que o seu triste companheiro, o misero *Coto* atirava aos quatro ventos um ululo sinistro e *sensual*!

Sensual, seu Suetonio? Que cachorro damnado!

Mauricio Salles (S. Paulo). Já conhecemos as anedoctas que nos remetteu como producções suas. Que falta de vergonha!

Amaury Vasconcellos (Bello Horizonte). Não é maldade nossa como presume. Os versos são mesmo muito idiotas. E senão acredita mande-nos uma opinião de pessoa entendida, favoravel aos que seguem:

> Raios de sol constantes na expessura
> Da matta virgem, que fazeis nestihora?
> Em que do brejo, que a febre devora
> Surde a saltante e arisca saracura.
>
> Porque raios de Sol, não ides onde
> A matta silenciosa se aprimora
> Em arvoredos mil, da fresca amora
> A' gracil e graciosa fructa-conde?

Ha-de concordar que se publicassemos tal cousa mereceriamos as mas formaes reprovações dos nossos leitores, não é assim?

Hemeterio Junior (Rio). Não queremos em nossas columnas discussões sobre questiunculas grammaticaes. Isso é profundamente soporifero, e a *Careta* não é orgam contra as insomnias.

Bartholomeu Sodré (Parahyba). Recebemos a sua carta, e com ella os seus versos. Não fizemos caso nem de uma nem dos outros porque a carta era pretenciosa em demasia e os versos eram pavorosamente idiotas. Está satisfeito?

Salomé R. (Nictheroy). Sentimos muito ter de recusar o que tão graciosamente nos pede, mas vae de encontro ao que já estabelecemos ha muito, não abrindo excepção alguma. Se fossemos attender a todos os pedidos d'esse genero que recebemos, não haveria mãos a medir.

Barão de Radis (Rio Grande). Não cultivamos esse genero. Dirija-se ao outro semanario a que se refere em sua carta.

Elysio Baptista (Fortaleza). Seu *Soneto Irreal* devia antes chamar-se: Soneto Irracional. Ora vejamos:

> Materia cosmica. Cháos. Mundo em formação.
> Trovões. Chuva. Relampagos. Tenebroso arcano!
> No ar pairando a immensa multidão
> De infusorios, microbios por milhares de annos.
>
> Resfriamento. Crosta. Estouros de trovão.
> Erupções proteicas. Tudo em convulsão
> E nesse pélago de pesadellos insanos
> Surgem no Mundo os primeiros Entes humanos,
>
> Escarcéos. Temporaes. Voragens estupendas.
> A Arca de Noé sobre o Monte Ararat
> Em meio das tempestades mais horrendas.
>
> Quem o Dedo de Deus não achará?!
> Assim nasceu a Humanidade das tremendas
> Apotheoses nirvanicas do Sabbath!....

Sim senhor! Se o Juliano o pegasse a geito, o amigo não sahia do Hospicio estes 30 annos mais chegados.

Eduardo Coutinho (Cataguazes). Fez muito bem em rasgar os outros versos. Se eram iguaes aos que nos enviou e se cá viessem ter, nós conscienciosamente fariamos o mesmo.

Libanio Ribas (Recife). Já foram publicados quatro fasciculos. A publicação a que se refere não é nossa. Gratos.

Martinho Soares (Petropolis). Pode enviar sem susto. Se não merecerem publicação, inutilisal-os-emos.

R. Veiga (Rio). Seus versos são tão ingenuos, tão pueris que nem parecem de um deputado como diz ser.

Carlos Soares Barbosa (Piauhy). Vamos examinar o seu longo arrazoado logo que tivermos tempo. Que diabo, não poderia ser mais conciso?

Eleito dos Deuses

Teriamos grande prazer em noticiar o resultado da ultima eleição da Academia de Lettras enviando os nossos humildes parabens de plumitivos humanamente mortaes ao novo immortal, mas infelismente somos forçados a transferir a noticia e os parabens para o dia em que conseguirmos saber si o eleito dos deuses foi o Sr. Paulo Barreto ou o escriptor João do Rio.

Ambos esse cavalheiro tendo vinte e nove annos ainda está em idade de ser escolhido pelos deuses.

O PRESENTE

Mme. deixara o marido no gabinete e fôra preparar-se. "Esperasse uns cincos minutos só que ella viria buscal-o." E para esperar a passagem desses cinco minutos o marido engolphou-se na leitura de um alentadissimo artigo sobre a Caixa de Conversão. Concluido este, ao fim de meia hora mais ou menos passou a ler a mensagem presidencial que teve tempo de concluir antes de Mme. terminar os seus cinco minutos.

Afinal, quando ia ler o retrospecto commercial do Jornal Mme. appareceu envolta em uma nuvem de rendas, fitas e perfumes.

O marido mirou-a complacente. Estava linda, Mme.!

Iam ao Municipal. Noite de estréa.

Reparou Mr. no vestido e ficou a olhal-o.

— Não é bonito?

— Muito. E' novo?

— Pois então.

Mr. enrugou a testa. Mais uma conta...

Mme. riu-se.

— Estás com medo da conta?

— Tinhas outro que só vestiste uma vez.

Mme riu-se com mais gosto.

— Mas para uma estréa, meu Juca? Era preciso um vestido novo. Não quero fazer figura feia e bem sabes que isso é mais por ti do que por mim.

Mr. continuava serio, apprehensivo. Quanto teria custado? E agora que as libras estavam desvalorisando!...

— Mas Juca, não faças cara feia.

Mr. quiz sorrir e só conseguiu fazer uma careta. Mme. então riu-se com gosto.

— Não precisas ter susto nenhum meu tolinho que já está pago.

— Pago? Como?

— Eu te explico. Não le lembras d'aquelles 300$ que me destes para comprar um presente de anniversario para Constancinha?

— Sim.

— Eu procurei o presente umas duas vezes que fui á cidade, mas não achei nada que prestasse.

— E guardaste então o dinheiro? Não deste o presente? Olha que devemos muitas attenções ao marido della. Foi uma falta imperdoavel.

— Não te assuste. Dei o presente.

— Mas como?

— Lembrei-me daquella porção de objectos que tens guardados na gaveta da commoda velha, presentes que destes a uma tua ex-apaixonada e te foram devolvidos quando brigaste com ella. Pelo menos foi o que me disseste.

— Foi isso mesmo. E então?

— Achei no meio daquelles objectos todos um *verre-d'eau* de prata lavrada. Fil-o limpar cuidadosamente por um ourives. Ficou como novo. Dei-o de presente á Constancinha e com os 300$000 comprei este vestido.

— Um *verre-d'eau*? De prata lavrada?

— Isso mesmo.

— Com os diabos! O que foste fazer, meu bem!

— O que?

— E' que a Constancinha justamente é que era a tal minha apaixonada e o *verre-d'eau* ella deve bem conhecel-o.

X.

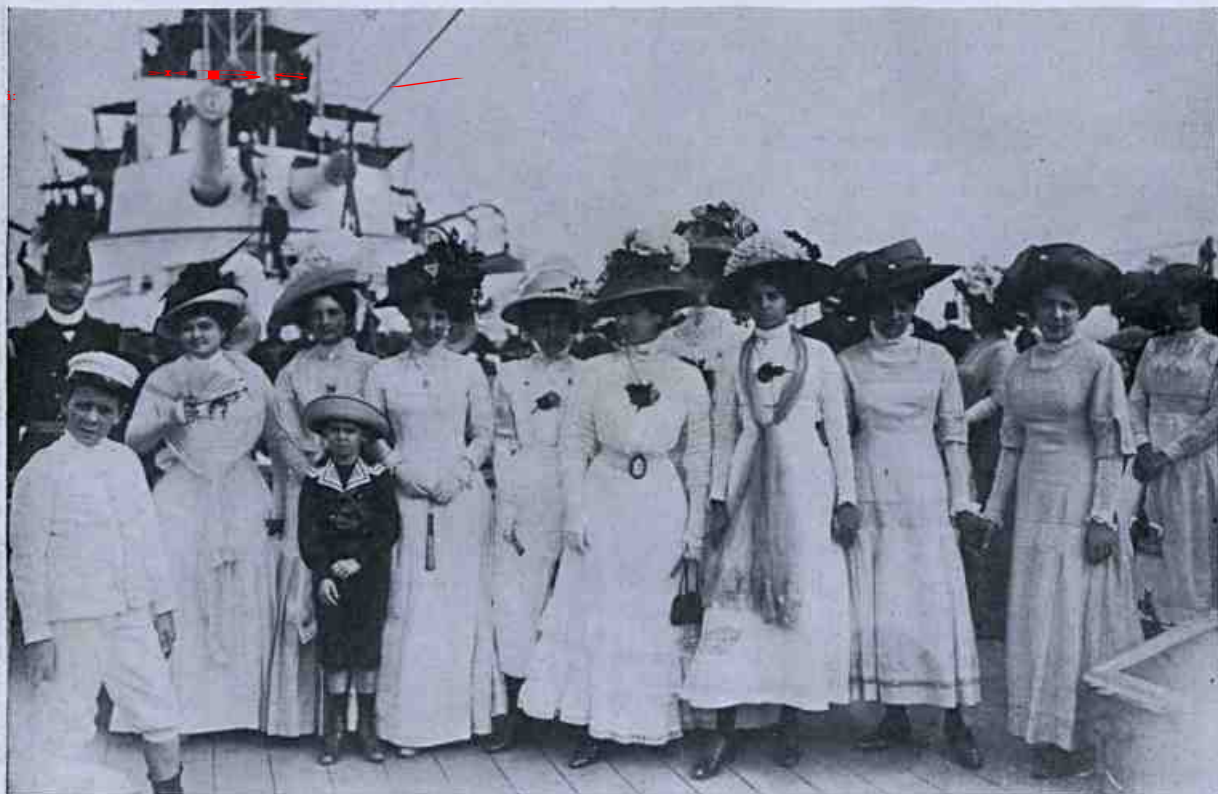
Começaram já as escaramuças entre o general Pinheiro Machado Chantecler José Gomes e o senador Rosa e Silva.

Careta, que anda muito arredia da politica está de palanque, apreciando.

Marido arrebentado

Ella. — Si tu fosses um marido gentil eu iria ás festas do centenario argentino.

Elle. — O' filha! Não podes ir ás festas do centenario, contenta-te com o centenario das festas.

Couraçado Minas Geraes

Senhoras e senhoritas mineiras a bordo do grande couraçado.

TELEGRAMMAS

(Serviço especial da "Careta")

Londres, 15 — O *Lloyd Brazileiro* adquiriu tres "Minas Geraes" de passageiros para fazer o serviço de transporte na cidade do Rio de Janeiro por occasião das innundações.

Botafogo, 16 — O accidente de que ia sendo victima o senador Ruy Barbosa deu occasião a novas demonstrações da estima em que é tido o egregio brasileiro pelos seus patricios de todas as classes e de todos os partidos.

A CUMIEIRA DAS CASAS

A maior difficuldade da construcção de uma casa está no preparo dos alicerces, que devem ter a solidez necessaria para supportarem o peso do edificio. Mas não deve ser menor a preoccupação do bom preparo da cumieira que representa a defesa contra as intemperies futuras. O individuo que constitue familia tem nas instituições de mutualismo previdente a verdadeira cumieira do seu lar, garantindo-o contra as intemperies sociaes. Inscrevendo a sua mulher e filhos na *Economisadora Paulista*, elle terá garantido aos seus uma pensão em dinheiro, de 100$ a 150$000 por mez, durante toda a vida. Não podendo esta pensão ser penhorada, nem cedida, nem alienada, ella representa uma garantia real e efficaz contra os azares da sorte. A *Economisadora* bateu o "record" sobre todas as Caixas de Pensões do Mundo, tendo inscripto nos seus dois primeiros annos maior numero de socios que todas ellas. Ella tem actualmente quarenta e tres mil e tantos socios e o seu fundo de pensões eleva-se a 1.500 contos de réis, empregado em predios e hypothecas. Tem 200:000$ no Thesouro Federal e é fiscalisada pelo Governo.

A sua Directoria faz com que ella seja a preferida do publico: Directoria: — Senador Luiz Piza, ex-Chefe de Policia e ex-Ministro da Agricultura, de S. Paulo; Dr. Gabriel Dias da Silva, Presidente da E. de Ferro Dourados, da E. F. Sul-Paulista, das Emprezas de Melhoramentos do Paraná e de Poços de Caldas; Commendador Leoncio Gurgel, Director da Companhia S. Bernardo Fabril; Dr. Claudio de Souza, medico e capitalista; Conde de Prates, director do Banco de S. Paulo; Dr. Rodolpho Miranda, Ministro da Agricultura da Republica; Coronel Fernando Prestes, Presidente do Estado de S. Paulo; Barão de Duprat, Director da Companhia Industrial, capitalista; Dr. L. M. Pinto Queiroz, proprietario da Drogaria Americana e da Fabrica de Acidos Mineraes; Drs. Victor Godinho, Pedro Pontual e Alves Lima, capitalistas.

A séde em S. Paulo é á rua S. Bento 21, 1º e 2º andar e a filial do Rio é á rua 7 de Setembro 113 (moderno.)

Na famosa sessão de cavallinhos tumultuariamente realizada no circo do Senado Federal, o deputado Pereira Braga, indignado com o povo que pretendia assistir á diversão revolucionaria, bradou, sahindo, pela primeira vez, do seu opaco silencio:

— O povo é uma corja de vagabundos.

Teve e tem razão o illustre deputado que com tão linda oração fez a sua estréa na tribuna parlamentar.

Quando se renovar a Camara, o povo mostrará que um deputado tão fecundo e limpo como o Sr. Pereira Braga não tem o direito de pedir um mandato electivo a uma corja de vagabundos.

Couraçado Minas Geraes

Senhoras e senhoritas que assistiram á cerimonia da entrega da bandeira.

Um grande desastre

Sentados á mesa do Jeremias estavam diversos rapazes quando chegou o Emilio.

— Aposto que não sabem da novidade.

— O barulho do Senado ?

— Não.

— A morte do Eduardo VII ?

— Ainda não.

— Alguma prophecia do Mucio Teixeira ?

— Qual !

— O fim da apuração presidencial ?

— Que esperança !

— Então o que foi ?

— Uma grande desgraça.

— Qual ? Qual ?

E todos se preparam em torno do incorrigivel *blagueur*.

— Vocês conhecem o X... ?

E proferiu o nome de um politico em evidencia.

— Pois não, conhecemos perfeitamente.

— Pois acaba de passar-lhe um trem por cima da cabeça.

— Que horror !

— Quando ?

— Como foi ?

— Conte logo !

— Está morto ?

— Foi ainda agora mesmo ; passava elle por baixo do viaducto da central quando um trem passava por cima. Já veem que este passou-lhe por cima da cabeça.

Alguns astronomos estão empenhados em determinar qual foi a estrella que mereceu, por especial predilecção do Senhor, a honra divina de conduzir, dos seus longos dominios ao sagrado estábulo de Belém, aos tres reis magos.

Varios perscrutadores dos campos celestes attribuem essa grande honra á formosa Venus, apezar do seu nome pagão. Contraria-os com ardor o inglez David Forbes que reclama os loiros de guia sideral dos tres rajads orientaes para o nosso pavoroso e sympathico Halley.

A nossa opinião, que não julgamos desprezivel, é a do velho astronomo Veritas, que depois de profundos estudos, cathegoricamente affirmou ter sido o cometa Blague o astro que ensinou o caminho de Belém a Melchior, Gaspar e Balthazar.

Na Avenida Central, entre estudantes, um paulista e outro carioca,

Pergunta aquelle :

— Conheces o Bruno Lobo ?

— Sim e não, isto é, sei quem é elle, mas nunca tivemos relações.

— Porque o combatem tanto ?

— Não sei. Talvez por que elle ousou subir escorado unicamente no seu talento.

Segundo diz um impresso largamente distribuido, no dia 23 de Abril, quando recebia, ministrada por sua mãi, uma lição de cathecismo, uma menina de 9 annos, chamada Maria de Lourdes e filha do lavrador Theotonio Quaresma, vio e ouvio um anjo que lhe ditou, mandando que as escrevesse em fórma de cruz, as palavras por ella recolhidas e que constituem a *Oração do Cometa*, a qual deixamos de transcrever por ser igual ás outras orações.

Vê-se, por essa oração, que os anjos, como alguns litteratos, não sabem collocar pronomes.

INSTANTANEOS

Mlles. Conde de Affonso Celso

O COMETA DE HALLEY

A SUA PASSAGEM PELA ORBITA DA TERRA—UMA RABANADA FATAL A UM EXPLORADOR—INTERVIEW

A rapidez com que traçamos estas linhas poderá apagar em nossa memoria os nossos profundos conhecimentos de astronomia, levando-nos a perpetrar alguma phrase menos scientifica. Si isso acontecer, os nossos leitores, já prevenidos, levarão os nossos erros a conta de pressa na redacção do artigo.

Entremos, pois, no assumpto, que é opportuno, urgente e importante.

O cometa de Halley passou na órbita da terra com absoluta felicidade para nós, terraqueos, e relativa infelicidade para um dos nossos dignos irmãos habitante do celeste vagabundo do espaço.

Na noite de dezenove do corrente algumas pessoas residentes no interessante bairro do Catumby vendo os môrros dos arredores ficarem resplandecentes como cabeças de phosporo de cêra, sahiram em exploração e antes da madrugada tornaram ao pittoresco bairro com a noticia, que apavorou o respeitavel párocho, de ter apparecido um *lobishomem* á entrada do tunnel do Rio Comprido. Espalhando-se a noticia, a autoridade resolveu explorar officialmente a região suspeita de enfeitiçamento, organisou uma escolta de cincoenta guardas civis e com os cabellos heroicamente arripiados avançou para o perigo.

A' entrada do tunnel do Rio Comprido as corajosas autoridades encontraram um typo de nova especie muito semelhante ao homem. Eis a descripção d'elle feita pelos medicos legistas: "Tem um metro e alguns centimetros de comprimento, a cabeça completamente pellada, dois olhos, sendo um de vidro; um dente só, perdido nos confins do maxilar inferior, sobrancelhas brancas, bigodes idem, dois braços sem musculos nem ossos, corcunda, uma perna só. Fala portuguez".

Recolhido o prodigio á delegacia foi avisada a imprensa. Comparecemos com os nossos collegas e não tendo conseguido licença para photographar o phenomeno lográmos intervistal-o. Recorremos á mimica e com surpreza lhe ouvimos em bom portuguez, esta pergunta:

— Que deseja?

— Fazer-lhes algumas perguntas.

— Seja.

— Quem é o Sr.?

— Um habitante do cometa de Halley.

Recuámos apavorados e logo, incrédulos, perguntamos:

— Mas onde aprendeo você o portuguez?

— No cometa, com os espiritos que desencarnaram em Portugal e no Brasil.

— E como diabo veio dar com as costellas na terra?

— Muito facilmente e muito contra o meu desejo. A alguns annos parti em exploração do nucleo para a cauda do cometa, pois esta nos é inteiramente desconhecida. Do nosso cometa conhecemos perfeitamente o nucleo, regularmente a coma e nada da cauda.

— Pois nós, por aqui, ainda não conhecemos os polos da terra.

— Como dizia, parti a alguns annos rumo cauda de Halley, afim de a explorar. Atravessei-a toda e chegára a sua extremidade, d'onde contemplava o vasio do espaço despovoado, quando o cometa, sahindo da órbita da terra, roçou com a ponta da cauda nesse planeta.

— E o Sr.?

— Eu insensivelmente resvalei da cauda do Halley para a superficie da terra, onde me acho.

Ouvimos nesse momento um confuso rumor de vozes nos arredores da delegacia e fomos intimados a interromper o interview.

Sahimos. No pateo da delegacia os guardas, sussurravam confidencialmente que o explorador de Halley era um conhecido biógrapho ministerial que se havia sahido mal numa aventura autobiographica.

Linguinhas

— Estás vendo aquella moça que ali vae? Pois o Paulo, aquelle nosso eterno cavalheiro nas "soirées" de Petropolis quasi ficou doudo por causa della. Tinha-lhe um amor extraordinario!...

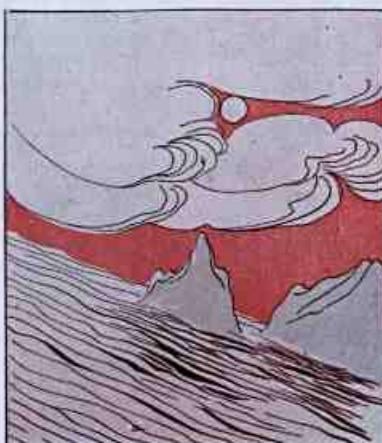
— E agora?

— Agora não. Já voltou ao que dantes era.

— Desesperou?

— Nada. Casou-se com ella.

Cinema Pathéta

1ª fita: — "Ascenção ao Hymalaia„

2ª fita:—"De Copenhague ao Pólo Norte„ Film instructivo com o horizonte fóra do logar.

3ª fita: — "O Cardeal Periquito„ Film historico (quero injecção).

4ª fita: — "Coração de Creança„ Drama compungentissimo e narcotisador.

5ª fita: — "A carta da amante„ Film d'art com epilogo de beijos.

6ª fita: — "Satan„ Interessante magica, acompanhada por bombo e caixa.

7ª fita: — "Inauguração de um boeiro no morro do Pinto„ Fita nacional.

8ª fita: — "Did está apaixonado„ Film desastrado, acompanhado por um *cake-walk* e pelo ruido de louça quando cahem cadeiras e vice-versa.

9ª fita: — "Uma *grisette* encantadora„ Interessante *film* interpretado pelo Sr. Max Linder, um frack novo e um par de sapatos de verniz.

O CONEGO

(ASPECTO PROVINCIANO)

O conego Morcão chamava-se de baptismo Estanisláo da Costa; no seminario do Caraça, onde se ordenou, alcunharam-no de *Morcão*: e, quando foi habitar uma casita rôxa na rua das Mercês, em Diamantina, era conego desde as botinas de tacão grosso, até o cabello lustroso e negro.

Do seu passado sabia-se apenas o nome de baptismo, a sua terra que era Entre-Rios e o pae que fôra creador de porcos. No mais, o conego Morcão se apresentava aos olhos de todos como uma vaga entidade feita para ensinar latim, fabricar missas e absolvições, engrolar psalmos na Semana Santa e passeiar de tarde, com o guarda chuva de alpaca sob o braço, a largas passadas, digerindo a cebolada do jantar.

Era só em casa, com o seu cachorrinho *Mimoso* e a sua cosinheira Engracia; tombava pelos quarenta annos. Com os seus labios grossos e polpudos, os olhitos vivos e sumidos na gordura do rosto, e barba sempre escanhoada e o abdomen abundante se salientando sob a batina lustrosa de duraque, o conego Morcão representava o typo de clerigo farto. Parecia a Materia em movimento: nenhuma expressão, nenhum arrebatamento humano. Nunca mostrara em risos a bella carreira de dentes fortes, não porque o conego fosse um homem triste, mas porque o conego era um ecclesiastico discreto; as suas gargalhadas estrondosas eram sinceras e em tom cavo, no emtanto, mesmo gozando anedoctas picantes, o conego Morcão não punha á mostra os seus dentes lindos.

Vida calma e limpa; na cidade todos o estimavam, as creanças porque o conego Morcão era santo, os velhos porque elle era padre, as moças por causa do seu modo de agradal-as (com tapinhas nas faces) e os rapazes por causa de suas anedoctas e das gargalhadas estrondosas: e o conego Morcão parecia indifferente a todos e a tudo, excepto á sua horta, cheia de canteiros de couve, perfumada de terra fresca, regada, e de que elle cuidava pela manhã depois da missa, a enxadadas fortes, vermelho e resmungando canções mysticas.

Vivia dentro de si e para si; o seu proprio modo de ensinar as latinidades era grave e vago: ouvia as lições com a cabeça dobrada para um lado, os olhitos serrados, a pitada entre os dedos, fazendo mais questão da pronuncia do que da grammatica, porque o latim, dizia elle, é o latim, o resto são theorias.... E tinha um geito especial de exprimir "theorias" com um desprezo tal, que os alumnos sentiam verdadeiro asco pelas theorias: e aprendiam o latim "alli no duro" segundo o Morcão, atraves de Tito Livio, Horacio e o resto *da corja*. Por isto o conego Morcão era olhado na cidade como verdadeira machina em quem sempre agia uma força instinctiva e nunca um impulso sentimental; elle não frequentava ninguem, nem os padres. Tinha o habito de gyrar á tôa pelas ruas, depois do jantar, entre arrotinhos de vinho e cebola, com o guarda chuva d'alpaca sob o braço, farto e engordando.

Ao vel-o a esta hora, o Neco, um vendeiro maçon e que lia a *Gazeta de Noticias*, um lettrado portanto, havia de ter esta phrase amarga:

— Vae, ladrão! vae digerir a boia antes que te estoure o buxo! E depois, logo á noitinha, vae ferrar o namorico com a sobrinha!

O Neco era sordido e calumnioso; Morcão, santo e insensivel, não podia amar sobrinha alguma.

De facto, tinha ultimamente o habito familiar de ir ver todas as noites uma familia sua parenta, onde floria, na graça de seus deseseis annos, uma certa Rosa, morena e meiga.

Morcão vira crescer aquella sobrinha, vira florir aquella moça disputada entre os rapazes; não podia pensar nella.... era insensivel a tudo. Demais a sobrinha era uma flor e Morcão era um conego.... O Sr. Neco era portanto sordido e calumnioso.

Mas então porque o conego Morcão que fugia de frequentar casas onde houvesse creanças e raparigas, não se privava daquella visita diaria á casa onde Rosa vivia?

Sordida calumnia! O conego não tinha alma, nelle não agia força alguma sentimental senão impulsos do instincto. Pacato e virtuoso, estava acima de suspeitas. No emtanto, um dia a cidade soube pasmada e commentou com escandalo esta scena comica: o conego, lá porque lhe viesse talvez a insomnia, em certa noite de luar sahiu a gyrar pelas ruas e foi esbarrar pelas proximidades da casa de Rosa. Noite de luar, frescura.... era mesmo boa para serenatas; e um bando de rapazes foi cantar ao violão sob as janellas de Rosa. Então, terrivel cousa! o conego surgiu como um phantasma de entre a sombra e desandou a esbordoar os trovadores com o seu guarda chuva acajadado, espandongando violões, em tropelia infrene, berrando:

— Corja! corja de vagabundos!

E foi uma correria louca dos moços espavoridos. No dia seguinte commentou-se com escandalo: e o Neco, da venda, todo lettrado em jornaes, pontificou com indifferença positiva:

— Pobres rapazes, o reverendo devia castigal-os muito.... Quando se tem pulso forte e amor no peito!

Sordido, o maçon! O conego Morcão era quasi uma obra em bronze; o seu coração não podia accumular affectos: as couves ainda verdejavam nos canteiros, e toda a sua alma estava preenchida pelo amor ás couves. Rosa morena e meiga, era para quem não fosse Morcão; a elle, virtuoso e conego, só competia, na qualidade de ecclesiastico, amar a couve, ensinar latim, fabricar missas e absolvições, engrolar psalmos na Semana Santa e passear de tarde, com o guarda chuva de alpaca sob o braço a largas passadas, engordando. Lei da Egreja e imposição da consciencia. Affectos, amores, lá para o seculo.... Sordido o Neco!

Entretanto, apezar da mesma vida pacata, dos mesmos passeios, da mesma alimentação, o conego definha, o conego perde o rosado das faces:

Rosa vae casar.

A sobrinha de Morcão, meiga e morena, é noiva de um rapagão viçoso; em toda a cidade aquelle par é invejado, pela belleza della e pela saude delle. Foi um namoro de baile, umas serenatas, e o casamento tratado.

Morcão definha.

Todos imaginam as festas do proximo casamento, devia ser pelo mez de maio que corria. O noivo recebia ainda os parabens, radiante; o céo tinha um azul immaculado. A frescura das serras enchia de alegria as almas; os sinos repicavam alegres na devoção das ladainhas.

O conego já não vae á casa de Rosa, vive triste, definhando. Já agora o seu andar é moderado — o guarda chuva sob o braço. Mimoso, o cão lança-lhe

olhares tristes; nas lições de latim o pobre conego deixa escapar erros tremendos, todo abstracto, a pitada entre os dedos. Nos canteiros as couves murcham de seccas, a cosinheira Engracia desespera porque o Morcão deixa voltar os pratos cheios. Que differença dos outros tempos!

Ninguem comprehende aquella mudança; pois o conego de tão forte vae se tornando um esqueletico alquebrado. Que insondavel segredo! E o Neco, dizia na venda aos freguezes:

— E' tristeza!

Mas a cidade diagnosticava com devoção:

E' a *solitaria!*

Rosa casou por fim; o baile foi de estrondo.

O tio Morcão que ia ser o padrinho não poude comparecer, porque á ultima hora se sentiu doente.

O baile fervia lá, Morcão resfolegava no leito.

Assim pela tarde uma certa suffocação opprimiu-lhe o peito: elle gritou, gritou, mas ninguem ouviu.

A propria Engracia fôra ajudar a fazer o banquete do basamento de Rosa... O conego Morcão gritou ainda á tôa... Que era aquillo? Que dôr extranha lhe opprimia o peito, como se alguma coisa tentasse se romper, como se fosse a morte a chegar?...

Era um aneurisma; até então o conego jamais suspeitara a existencia daquella molestia, na sua calma e na sua insensibilidade; ultimamente, enfraquecido pela sua mysteriosa tristeza, a molestia lhe cavava a morte, que chegava emfim. Gritou ainda, Mimoso, ao pé do leito, ganiu quasi que soluçante, com os olhos baços.

A casa era deserta; apenas o relogio á parede e um choro de menino, na visinhança, quebravam o silencio pesado.

Nas paredes os quadros se imobilizavam indifferentes, a sombra ia envolvendo tudo, Morcão já não distinguia as physionomias dos santos que se entileiravam á parede.

A' certa hora, já noite, começou a ouvir a musica do baile pelo casamento de Rosa; sons alegres de valsa, que chegavam com intermittencias, puzeram uma sombra de saudade na alma do insensivel Morcão. Lembrou-se de que naquella mesma hora em que soffria tanto, esquecido e só, os outros se divertiam, os outros se amavam. Nunca o pobre conego perdera tempo em considerações, nunca voltara o pensamento para o seu coração; sentia sem comprehender, por instincto natural: mas agora, como um clarão, o sentimento despertava, pungindo-o acerbo.

Os sons da valsa chegavam. Rosa, bella e morena, como não devia estar, naquella infinda graça do vestido branco e flores de larangeira?

Então o reverendo sentiu uma oppressão mais cruel no peito; ergueu-se de um salto para escancarar a janella, o que fez com esforço — para divisar a horta silenciosa, a dormir na noite fria e nevoenta. Morcão sentiu uma pontada mais forte: gemeu alto, levou a mão ao peito, e veiu tombar convulso sobre o leito. Morreu.

No dia seguinte, pela tarde, o enterro subiu a rua ao som de uma marcha triste; o caixão ia carregado por seis reverendos de olhos baixos, entre as duas filas de homens de luto que traziam velas de cera. A Engracia seguia atraz, em longos *ais*... Numa bruma fria, a noite tombava, sem estrellas; em todas as egrejas os sinos dobravam.

O Neco, o homem positivo, ia triste acompanhando o enterro, todo enrolado no seu *cache-nez*, mordiscava o cigarro, fitando o chão.

Aquella musica entristecia-o, aquelle cadaver de conego, a marchar para os vermes com o seu aspecto de solteirão entediado, punha-lhe nó á garganta. Não que o vendeiro amasse o clero, porque era maçon, mas emfim...

Ao chegarem á egreja puzeram o caixão sobre a eça erguida ao centro, entoou-se uma encommendação com solemne melancolia. O Neco estava pungido, quieto a um canto, sob o pulpito; e recordava o seu rancor, as maldições que lançava outr'ora sobre o reverendo. Estava arrependido: parecia o culpado daquella desgraçada vida. Os padres entoavam "requiem eterna dona ei, domine". No côro o orgão chorava e as vozes fanhosas repetiam "requien est in pace, amem!" Crepitavam as velas.

Requiescat in pace! este latim ficou a soar com a sua profundeza nos ouvidos do letrado vendeiro; elle veio sozinho da igreja, batendo os queixos ao frio da noite, ruminando a amargura da vida. *Requiescat in pace!* Sim, ia descançar o Morcão mysterioso; e descançar de que? O Neco procurava decifrar: aquelle padre, na sua gula, na sua insensibilidade, que fôra na sua vida? Um solteirão e mais nada. De que morrera e porque?

O Neco não sabia; enfiou as mãos nos bolsos e veio tirando umas fumaças até a sua venda, que já encontrou illuminada pelo caixeiro, esparramando na rua aluz do seu lampeão de kerozene e destacando da sombra a casa do conego, que ficava em frente, e agora fechada, abandonada e funebre, tendo á porta o *Mimoso* que gania sem dono. Aquillo commoveu o maçon; arrancou-lhe um suspiro.

— Que tem vosmecê, senhor Neco? — perguntou a visinha Euphrasia que de trás da rótula ouvira o suspirar do maçon.

— Penso na vida, dona Euphrasia! Isto quando começa numa rua vae tudo; hontem o reverendo, e agora qual será? Eu ou a senhora?

— Cruzes, credo, senhor Neco!

— Algum vae, algum vae; si fôr eu, não faz mal. A vida não presta.

— Mas os filhos, senhor Neco?

O maçon pigarreou, dizendo:

— Os filhos! E' a massada, visinha; o reverendo não tinha nenhum.

A visinha riu de trás da rótula e arriscou maliciosa:

— Tinha uma sobrinha, mas esta...

— Casou-se, senhora Euphrasia! casou-se e viajou hoje deixando o tio por enterrar. Foi quem o matou!

Fizeram silencio; o maçon ruminava idéas amargas.

— Quer saber, dona Euphrasia? todos temos coração. O conego que eu suppunha differente era como os mais; e si aquillo tinha alma, que éque não tem? Até este páo tem alma! — E bateu uma palmada no portal: — Este páo tem alma!

E ficou a olhar o páo, mordiscando o cigarro apagado, como procurando decifrar a mysteriosa alma que ali devia existir, como existiu em Morcão, como existia nelle, como existia na noite fria, na bruma fria, em todas as cousas que o seu olhar encontrava.

— Tudo ama, dona Euphrasia!

E foi servir a freguezia que se amontoava ao balcão.

ARISTIDES RABELLO

CARTAS DE UM MATUTO

Não tendo o abaixo assignado
Tempo para percurá
Cada um dos seus amigo
Que deixa na capitá,
Pede descurpas e offerta
Por meio deste jorná,
Os seus favô lá na terra
P'r'adonde vae embarcá.

Vou simbora de tardinha
Pelo nocturno mineiro,
E vou fazendo esconjuro
P'r'este Rio de Janeiro!
Isto é terra dos diabo,
Se gasta todo o dinheiro,
Que se ganhou com trabaio
Na vida de fazendeiro.

Vivi dous anno inludido,
Andei aos tranco e barranco;
Gastei toda a equinomia
Que eu tinha posto nos banco;
O que eu ganhei nesta terra
Vou aqui lhes falá franco:
Foi arguma experiencia
E muitos cabello branco!

Não levo queixa nenhuma
De ninguem desta cidade;
Si arguem de mim tem agravo
Eu peço com humirdade
Que me perdôe e acredite
Que eu cá não tenho mardade:
E em Sant'Anna eu tou ás orde
Com toda boa vontade.

Si ás vez fui duro e zangado
C'umas poucas de pessoa,
Não foi por mal, creiam todos,
Que as intenção era bôa;
Mas si xinguei os bandalho
E caçoei das coisa atôa,
Fiz elogio aos honrado
E ao que é bão cantei mias lôa.

Não tive nunca vontade
De a pessoas fazê guerra;
Mas ralhei foi contra os uso
E máos costume da terra.
Eu fiz como os boiadeiro
Que o ferrão no gado ferra,
Quando os boi não vae dereito
Ou qué se perdê nas serra.

Si arguem ouviu o que eu disse
E aporveitou as lição,
Eu vorto mais sastifeito
P'ro meu canto do sertão:
Já fico mais consolado
Por sabê que este tempão,
Ao menos serviu p'ros outro
Entrá no caminho bão.

Eu era um home simplorio;
Foi aqui nesta cidade,
Que senti, despois de véio,
O mal da futilidade:
Comprei a carta de conde,
Mas pago caro a vaedade,
Pois vejo agora que o titro
Nunca teve utilidade.

Quiz sê deputado e entonces
Eu tive que cabalá;
Comprei voto, fiz tramoia,
Andei mêmo a me sujá.
Por milagre a minha honra
Eu pude em tempo salvá:
De politica tou farto,
Não quero mais nem votá!

Por pouco que um desarranjo
Estraga a minha famia;
Biella ficou maluca
E quasi que se perdia.
Quantos trabaios eu tive,
P'ra casá a minha fia,
Que afiná casou c'um home
Que eu memo nem conhecia!

Mas tudo é aguas passadas
E ellas não toca moinho;
Minha muié vae commigo
Não quiz me deixá sosinho:
Bibi fica aqui na Côrte,
Já entrou no bom caminho,
Que trate os filho e o marido
Com todo amô e carinho.

Vou p'ra roça esbodegado,
Sem dinheiro e sem saúde,
Si o arrependimento serve
Espero que Deus me ajude!
E' certo que nestes tempo
Me adverti quanto pude,
Mas o meu gedio tá o mêmo
Não ha nada que lhe mude.

O castigo das loucura
Que tanto cobre levou
Me espera é lá no trabaio
Ingrato de lavradô:
Da minha testa enrugada,
Inda vae corrê suó,
P'ra pagá inte á morte
O que dous annos roubou!

Adeus povo, inté á vorta,
Ou antes, inté por lá!
Que eu não penso e nem desejo
Nunca mais voltá por cá.
Amenhan já desembarco
Pela estação de Araçá;
E' só se amuntá nos burro
Mettê a espóra e andá.

Com mais dois dia de estrada
Si os macho tão amilhado,
Nós quebremo o espigão véio
Tamo lá no povoado!
Ah, que alegria, meu povo,
Despois de tê viajado
A gente volta p'ra adonde
Nasceu e foi baptisado!

Quem quizé ir em Sant'Anna
Percure um macho estradeiro,
Pegue p'ra estrada dereito
Inté topá c'um cruzeiro;
Foi ahi por estas banda
Que mataro um fazendeiro,
Infinque a espóra no macho,
E' perciso andá ligeiro!

Despois sóbe a gente um môrro,
Despois desce um espigão,
Passa por umas catinga,
Cahe logo num chapadão;
Ahi tem um trilhozinho
Que p'ra se ataiá é bão,
Mas tem atoleiro, gente,
Quando atravéssa um capão...

O mió é se i seguindo
Bem dereito pela estrada;
Passa uns córgo que na sêcca
De todo não vale nada;
Mas si a gente faz viage
No tempo das chuvarada,
E si tópa os córgo cheio
Tá de viage atrazada.

Adiente, numa cêrca,
A gente passa a porteira,
E topa co'a encruziada
Que é que faz a trapalheira;
Ahi se quebra á canhota,
Se rompe na dianteira,
E o môrro que tá de um lado
Vae jogado na trazeira.

Despois não tem mais errada,
E' segui p'ra toda vida...
Quando topá duas estrada
E' afundá na mais batida;
Si a gente ouvi estas regra,
Nem acha as legua comprida,
E chega sem novidade
Na minha terra querida.

Já ensinei o caminho
Como era de obrigação,
De Sant'Anna Rio Abaixo
A princeza do sertão.
Mandem lá sem cerimonia,
Pois falo de coração
Neste véio sertanejo
TIBURCIO D'ANNUNCIAÇÃO.

Declarações necessarias

As lutas romanas do S. Pedro nada têm de analogas ás que se travam nas alcovas secretas dos lares domesticos.

O Centenario argentino não é uma allusão ironica ao Centenario argentario que consome a existencia garantindo o futuro.

A escola dramatica não pretende intervir estimulando os poetas que recitam em soirées intimas.

Os donativos registrados na subscripção argentina não são destinados á acquisição do Riachuelo.

A admissão de Paulo Barreto na academia de letras nada depõe contra o mesmo. Os academicos estereis promettem produzir.

O famoso roubo do cofre do Benjamin Constant em nada ofusca o brilho da administração Leoni. A guarda civil merece ainda a consideração publica.

Certos andaimes construidos sobre cimalhas de alguns edificios, não querem dizer que, em breve, os edificios sejam dotados de aguias decorativas.

O Chin-chan-fó que perambula pela Avenida Central não é uma allusão ao embaixador chinez que aqui esteve em missão diplomatica.

O marechal Hermes ainda é o mesmo amigo do Kaiser. Em França repelle qualquer gentileza culinaria mormente quando construida pelos gallinaceos symbolicos

O COMETA HALLEY

O dr. Paulo de Frontin, abrindo o seu guarda-sol de director da Central do Brasil discorre scientificamente sobre o cometa que o sr. Grandmasson contempla boquiaberto de admiração, emquanto o sr. Julio Ottoni sobraça as flores que prometteo depor no altar da Virgem Maria si o mundo não acabasse.

AS DIABRURAS DO COMETA

Anacleta Candida de Jesus era mineira, morena, 15 annos, um palminho de cara bem regular, ingenua e supersticiosa.

Ora é bom dizer que no arraial de Bom Jesus onde arranchara a sua mãe, viuva do partidor e distribuidor o defunto alferes Fortunato Candido de Jesus, de gloriosa memoria, não havia hoteis.

De modo que a mãe de Anacleta dava pousada por alguns magros mil reis aos raros viajantes que por ali transitando, pernoitavam no arraial.

E era a Candinha quem servia á mesa os hospedes, sempre com os olhos negros como duas grandes jaboticabas maduras a fitar curiosamente os forasteiros, attentos os ouvidos ás conversas que entre si travavam.

E foi assim que ouviu pela primeira vez falar no cometa.

Descrevia um hospede, velho fazendeiro, de longas barbas brancas o astro vagabundo, falava-lhe na cauda ameaçadora, affirmava emfim que era bem possivel acabasse o mundo agora.

E a Candinha pelos corredores persignava-se, tremula.

Mas o outro hospede, moço e faceiro, caixeiro viajante de uma casa atacadista do Rio, cofiando os encalamistrados bigodes a mirar a morena, dizia que não era possivel Deus deixar morrer assim as suas creaturas. Nada, o cometa não era tão feio como se pintava, não. Pelo contrario elle só poderia ser portador de felicidades.

Apasiguaram-se os sustos de Candinha, um pouco. Mas á noite, antes de se deitar perguntou sempre á mãe:

— Oh mamãe é verdade que a gente deve ter medo dos cometas?

E a mãe que percebera as olhadellas do caixeiro viajante, respondeu:

— E' minha filha. Esses cometas são gente muito perigosa para as moças solteiras!

Candinha foi dormir, pensativa.

* * *

No dia seguinte o velho partiu.

E á tarde o caixeiro ao seguir para a proxima cidade em um momento que pilhou a Candinha a sós fez-lhe uma ardente declaração de amor.

Candinha ingenua e confusa enrubecia e deixava-o falar.

Nisto ouvindo os passos da velha, o moço puxou-a arrebatadamente e furtando-lhe um beijo protestou:

— Eu voltarei nestes oito dias.

Candinha depois que elle se foi ficou triste e pensativa.

E ás perguntas da mãe, respondia sempre:

— Tenho medo do cometa, mamãe.

E por toda a redondeza se comentava o medo da roceirinha gentil.

* * *

O moço voltou, demorou-se uns tres dias e depois partiu outra vez.

Candinha sempre triste.

E o medo de Candinha parece que contagiou toda a população do arraial pois que em outra cousa não se falava a não ser no cometa.

Até mesmo o vigario, em uma pratica na capella do arraial disse gravemente que os cometas traziam sempre grandes desgraças.

Foi quando pela terceira vez voltou á casa da viuva do partidor Alferes Fortunato, de gloriosa e honrada memoria o caixeiro viajante.

E na madrugada desse mesmo dia o astro rabudo fez a sua primeira apparição. Foi um reboliço geral.

Decididamente estava o mundo para acabar affirmavam aquellas gentes simples:

No dia seguinte o temor era geral. Faziam-se preces. Accendiam-se velas aos Santos Protectores e ao Padroeiro da Freguezia em particular.

Não houve quem ao deitar-se não rezasse o seu terço.

A viuva Fortunato andava assombrada.

Pela madrugada foi ao quarto da Anacleta para irem á missa das 5 horas, rezada em desagravo dos peccados do arraial.

A cama nem desfeita estava. Uma janella aberta, que dava para a rua. A pobre senhora gritou. Acudiram as suas velhas creadas e benzeram-se.

Anacleta evaporara-se com as suas melhores roupas.

Teve a viuva um lampejo. Foi ao quarto do hospede. Vasio tambem.

Comprehendeu tudo e em prantos partiu para a igreja. A' porta encontrou o velho vigario que entrava para a missa.

— Ah! seu vigario! seu vigario!

— Que foi minha filha?

— Que desgraça, seu vigario!

— Mas o que aconteceu?

— O cometa, seu vigario, o cometa!

— Console-se minha filha; se o mundo acabar vamos todos juntos. Reze pelos seus peccados.

— Mas não é desse que eu falo, seu vigario.

— Desse que?

— Ora, desse cometa.

— Então de qual?

— Do outro, o seu Quincas, que me furtou a minha filha esta noite e de certo levou-a para a Côrte!

E a pobre Mme. viuva Fortunato chorava desabaladamente. O vigario ficou algum tempo pensativo. Depois, compassivamente:

— Console-se, minha filha, console-se, com a esperança de que talvez o mundo não acabe lá para as bandas da Côrte. Eu sempre disse que *cometa* era o diabo, tivesse ou não tivesse rabo. A coitada da Anacleta, tão boasinha, foi a primeira victima. Vamos rezar minha filha para que elle não volte e não nos carregue a nós.

H. C.

Consolação

Quando o Ricardo chegou em casa doidinho para comer de beijos a sua linda mulherzinha com quem havia se casado oito dias antes, teve uma triste surpreza.

Achou-a banhada em lagrimas.

— O que foi, meu anjo? perguntou tomando-a carinhosamente nos braços.

— Sou muito desgraçada! gemeu ella entre dous soluços.

— Mas o que foi? Mas fala! Não vês a minha anciedade?

— Eu quiz te fazer uma surpreza agradavel... E então... ai! ai!... peguei no livro de receitas... ai! ai... e fui fazer... ai! ai! ai!... um doce... ai!... para o nosso jantar... ai!... ai!... e... veio... ai!... ai!... o gato... e comeu-o!... ai! ai! ai!

— Pois é só isso?

— E', respondeu ella voltando para elle o rostinho todo molhado que elle enternecidamente beijou.

— Pois não te afflijas, meu querido anjo, minha mulherzinha do coração, meu bemzinho, nem precisas chorar mais. Se elle morreu eu compro-te outro.

— Elle quem?

— Ora, quem havia de ser? O gato.

No Senado, no dia da sessão tumultuaria, o Sr. João de Siqueira exhibia a eloquencia rugidora dos seus pulmões, em brados que a bôa educação dos tachygraphos não ousou recolher.

A minoria vibrava indignada, a maioria cochichava irritada. Então, risonho, o Sr. Germano Haslocher defendeu o gritador:

— Não se aborreçam, o Siqueira reconheceu as cadeiras e pensa que está no circo Spinelli.

— O Siqueira nunca appareceu nesse circo, avançou um pernambucano.

— Pois não lhe falta vocação, replicou o Sr. Germano.

E tinha razão.

OS NAMORADOS

POR

ANTONIO CÓRTON

Sentia-me tentado a gritar furiosamente: — Eh! Linguas compridas!... Basta já de parolagem, insubsistente e ôca! Julgaes, por ventura, que este passeio foi aberto ao publico expressamente para ser convertido em ninho de aves palradoras ou em escondrijo de amores vergonhosos?... Pensaes que esses respeitaveis bolsistas, esses sisudos conselheiros, esses graves politicos passeiam por estes sitios para ter, como espectaculo invariavel, o vosso nocturno idyllio? Treguas, por Deus, a essa erotica e interminavel eloquencia, capaz de vos tornar invejado pelos deputados monosyllabicos, ou, já que faleis pelos cotovellos, sem compaixão do distrahido transeunte, inteirai-nos, ao menos, do segredo... e pedi a palavra.

Elle poderia ter quatro lustros, a edade em que interrogamos, com ar de philosophos, o destino, e chamamos *desengano*, nome pomposo e romantico, á primeira tolice, e pomos a mão no fogo pela virtude de qualquer mulher. Ella possuia a muda e pacifica belleza das estatuas e se assemelhava á do Silencio, immovel e impenetravel, com a ponta do leque na bocca, os sapatinhos apoiados na cadeira da frente, os olhos glaucos serenos e fixos no orador que derrocava, a seu lado, thezouros de eloquencia erotica. A's vezes inclinava a cabecinha, como um lyrio fatigado pela chuva. A's vezes movia imperceptivelmente os labios, antes para humedecel-os com a lingua que para deixar sahir, com emphase estudada, uma só palavra, um monosylabo. Depois continuava a escutar, ouvindo sempre, sem revellar na phisionomia de gesso nem interesse nem curiosidade.

Uma terceira pessoa, a sogra futura, dormia ou simulava dormir, escutando habilmente, recatando pudicamente a face sob o manto enorme. Um philosopho tresnoitado observou que as sogras futuras falam pouco. Meditam como Brutus e reservam a sua vez para o porvir. Em meio do seu apparente dormitar, e não obstante isso, a astuta mamãi da pequena parecia sorrir á socapa... O' pares enamorados, desconfiae da sogra que dorme!

Perto do terceiro lampeão da esquerda, na semi-obscuridade daquelles sitios, encontrava-os eu todas ás noites, sem que brilhassem pela ausencia uma só; loquaz — elle; silenciosa — ella, adormecida a outra, olvidados os tres do universo e vivendo *quasi num céo*, como o amante da Traviatta. Trindade mysteriosa aquella, composta da mãe, da filha e do Espirito Santo, ou seja o *Verbo*, disfarçado em tribuno do amor.

Ao seu lado discorriam, tragando pó, os transeuntes; saltitavam as creanças brincando; estacavam inoportunamente, com a sua bata de percale e a cesta ao flanco, as floristas vaporosas e habeis no offerecer; passavam as vendedoras de agua que se embrenhando na multidão fugiam receiosas de um encontro com o guarda municipal, sem que ao orador occorresse a idéa de comprar um ramilhete de cravos para adornar com elle, como um romano, a sua victima e que ao menos se lhe antolhasse beber agua fresquita para acalmar a sêde que devia, sem duvida, provocar-lhe a sua abrazadora eloquencia. Orador de lingua sêcca por elle poderiam retirar-se as fugitivas *naiadas*, a não estar alli a sogra, a protectora sogra, que interrompia os perfidos roncos para, gulosa, pedir duas ou tres vezes em cada noite *agua com assucar e aguardente*. "Isto é bom para o flato" dizia agitando a agua com a pequenina colher e logo murmurava-se a si propria, baixo: "Já que faço este *papelão*, ao menos que venha alguma cousa".

Preoccupei-me tanto, naquelle tempo, com o intimo colloquio dos dois namorados que todos os dias perguntava a mim mesmo: "De que falarão? Que arduo problema philosophico ou mathematico tratarão de resolver nestas continuas especulações? Que principios scientificos estarão ahi discutindo com tanto enthusiasmo e afan tão ardoroso?...:" A direcção dos balões, a quadratura do circulo, a pedra philosophal, o cosmetico para converter as calvas em cabelleiras, os arcanos da sciencia, os segredos da arte não poderiam, não, continuar occultando-se pertinazes diante das accommettidas de tão desbocada eloquencia. A propria Sphinge, apezar da sua reputação de impenetravel e discreta, ter-se-hia revellado, gritando-lhes entre aborrecida e zangada: — Eh! Eu me descubrro. Não me empapem mais com saliva!

Uma noite, um menino esfarrapado, precoce artista da esmola, d'esses que, graças á tolerancia municipal, sóem exercer a sua industria nos passeios publicos, parou junto da trindade vergonhosa. O sestroso anjo mendicante, anjo naturalista por certo, acaso conhecendo que o amor é todo caridade, estendeo a mãosinha e disse:

— Pela senhorita, que é mui linda!

Largo tempo esteve alli o importuno, repetindo a sua lastimosa psalmodia e se partio affim com a musica para outra parte, sem haver obtido daquelle amor que invocava os cinco centimos que são na féria da vida o preço fixo da misericordia.

Tive um raio de luz, como d'ria, ainda que não o tivesse, qualquer novellista. Quando se approximou de mim o mendigo, interroguei-o com anciedade.

— Nada, meu senhor, respondeu, imitando inconscientemente a Hamlet: Palavras, palavras e nenhum centimosinho.

Voltei a interrogal-o com vivo interesse.

— Nada, meu senhor; não dizem nada em prata. Que graça! Falam de beijos. Elle diz: — Já te dei vinte razões para convencer-te, passo agora á razão vigesima primeira. — Que graça! Eu lhe detenho o cavallo e digo-lhe: — Um centimosinho á saúde da senhorita, que é muito linda. — Elle continúa a falar em beijos e me diz: — Garoto, eu tambem peço esmola e não m'a dão. — Alegro-me, respondo-lhe eu, talvez a recusa o emmudeça!... Que graça!...

Na ultima noite em que os vi, pelas calendas a que me refiro, soavam as dôze num relogio publico. Restituiam-se já aos seus lares, não terminada ainda, pelo visto, a eterna disputa, pois o orador caminhava gesticulando, imperturbavel a *auditora*, e atraz, na rectaguarda, manquejando e abrindo-se em bocejos, a representante do principio da autoridade. De prompto cahiram grossas gottas de chuva pondo ás gentes em precipitada fuga. As tres pessoas distinctas e o só orador verdadeiro, á despeito d'este, asylaram-se, então, num bonde que passava; e um minuto depois, elle, Demosthenes, em pé na plataforma dianteira, acantoado, moido, ensopado, porém não callado, vomitou contra os progressos dos seculos uma maldição que foi acompanhada pelo estampido do trovão ribombando nas alturas, e disse: — Bonde, ferro-carril, vapor, invenções de sogras, que suprimis as distancias, que cortaes na bocca a eloquencia do amor — sêde malditos uma e mil vezes pelos seculos dos seculos!...

Passou o tempo... Eu tambem, eu tambem, ao cabo d'elle, aprendi a velha canção... Tambem tive o meu idyllio... Tambem fui com *ella* e sua mamãi aos sitios publicos. Na primeira noite em que baixamos com bons compassos de pés, á *conversadeira* do amor, tomando assento, por acaso, ficámos ao pé do terceiro lampeão da esquerda, lampeão digno de loas e premios por sua paciencia em ouvir, sem se apagar, tantas baboseiras, — Quanto nos falamos e falamos, com que verbosidade nos diziamos!... Que nos diziamos ?

O que recordo, como si o tivesse ouvido hontem mesmo, é o que disse *o outro*. Quem havia de ser *o outro*, senão o orador! Alli estava como nas passadas noites, sentado na sua tribuna de verão, mas silencioso o labio, commedido o gesto, lendo para si mesmo e sem levantar os olhos do papel, *O Noticiario* que acabava de sahir. Ao seu lado sentava-se a antiga noiva, a nympha Egeria dos anteriores estios, convertida já na esposa Penelope, que tecia, cabeciando de somno, a trama inacabavel do tédio conjugal. O morcego que tem escripto nas azas a palavra *silencio* açoitava o ar com suas membranas empoeiradas, reviravoltando entre o lampeão e elles.

E emquanto o ex-tribuno se engolfava na leitura e *ella*, a seu lado dormia e até (oh prosa da vida!) roncava com estrepito, e a processional maré dos transeuntes ia e vinha, de um extremo a outro do passeio, entre a sombra, eu falava e falava sem cessar com *a minha*, com aquella formosa mulher possuidora das melhores orelhas da cidade, e deviamos, sem duvida, falar muito e falar grosso, e importunar com a garrula disputa ao nosso visinho, o bom leitor d'*O Noticiario*, por que, á deshoras, voltando-se com attitude hostil, exclamou com irrreprimida raiva :

— Valente par de charlatães!... De que falarão tanto ?...

FIM

No proximo numero : **UM ASSOBIO**

POR

Vicente Blasco Ibanéz

Galanterias

— Oh seu Arnaldo, seja bem apppparecido. Pensei que estivesse passeiando pela Orópa.

— Quem sou eu D. Cunegundes para passear á Europa.

— Ora, seu Arnaldo, isso é modestia sua. Outros mais burros lá têm ido.

— Ahn!

— A proposito, nós amanhã temos uma festinha lá em casa. Contamos com o senhor para marcante, hein ?

— Não sei se poderei ir.

— Ora como não, seu Arnaldo. Olhe que se não for perde. Vão lá muitas moças bonitas.

— Ora D. Cunegundes, se eu for á festa póde ficar certa de que não é pelas moças bonitas e sim unicamente pela senhora.

PRAÇA OTTONI

Dr. Julio Ottoni, alumnas das escolas publicas e populares assistindo á inauguração das placas que com o nome de Christiano Ottoni a Prefeitura mandou collocar no largo fronteiro á estação da Estrada de Ferro Central, no qual se acha a estatua do grande brasileiro.

COUSAS INCOMPREHENSIVEIS

(Trincargas)

Hamleto, na tragedia shakespeareana, diz a Polonio, ou a outra personagem que pelo nome não se perca: Meu caro, ha muita coisa debaixo do sol que a nossa fraca intelligencia não póde comprehender!

E ha mesmo.

A sentença de Hamleto é um tanto acaciana, mas por isso mesmo é profundamente verdadeira.

Quem poderá comprehender o caso do cometa de Halley? E' um astro sem intelligencia, não sabe mathematicas, cego, mudo e talvez surdo. Sem trazer itinerario escripto, sem pedir informações a ninguem, vae elle seguindo o seu caminho com a precisão de um trem de ferro antes da administração Frontin. Veiu fazer a sua visita ao sol, assustar os astronomos e lá se vai pelo mesmo caminho, sem desviar um metro. No emtanto, o nosso *Minas Geraes*, com as suas toneladas de machinismos e instrumentos, para vir da Inglaterra ao Rio, um pulo, andou fazendo pousos fóra do programma e comprommettendo os calculos da officialidade que o conduziu. Uma machina de guerra, calculada em todas as suas minucias, medida, pesada, deve ser mais precisa do que um cometa, simples apparelho pyrotechnico. No emtanto não é.

Outra coisa que não comprehendo é o roubo do *Benjamin Constant*. De minha casa um gatuno não tira uma gallinha (garanto !) sem levar incrustadas no lombo cinco balas de revolver. Si não levar as balas leva o susto, que é a mesma coisa. No emtanto, em um navio de guerra se introduzem os larapios, vão tranquillamente ao cofre, desatarracham-n'o, retiram-n'o, abrem-n'o, levam o miolo e lançam a casca ao mar, como se faz com uma banana. E' singular! Na minha terra ha um rifão que diz: Não dá bicheira em picuá de mercurio. Mesquinho proverbio.... Pois se entram gatunos no amago de um vaso de guerra!

Não posso tambem comprehender o caso do tenente.... do tenente.... O nome é impossivel de côr escrever. Refiro-me áquelle official de policia que desrespeitando a ordem do delegado, deixou de correr o povo a pata de cavallo num prado de corridas. O facto é inexplicavel por varios motivos. Primeiro: nenhum logar ha mais proprio que um prado de corridas para correria de cavallos, mesmo por cima do povo. Segundo: toda a gente suppõe que a funcção classica e tradicional da policia é a de provocar conflictos. Nem para outra coisa existe a policia: onde não ha policia não ha rolo. Pois bem, o official Pfaltzgrrrrrrfttis, ou que nome tenha, encontrou o barulho feito, era só mandar correr um *steeple-chase* por sobre o lombo do vulgo, e estava cumprido o seu dever. Recusou-se a fornecer esse pareo fóra do programma, com grande decepção dos assistentes das archibancadas. E foi louvado. Os officiaes de policia têm esta alternativa privilegiada: Louvados por metterem o facão e louvados por não metterem o facão. Mas a complicação do caso vai crescendo. O chefe de policia pede demissão porque um funccionario que serve ás suas ordens mandou louvar um insubordinado que deixou de obedecer um mandado de outro funccionario subordinado ao chefe da policia. A redacção é confusa mas o caso ainda o é mais. O presidente da Republica recusou a demissão ao chefe, porque gosa de sua confiança, recusou a

visita do general porque estava nos seus aposentos, o official ficou louvado, o delegado não foi reprehendido, *O Paiz* declarou que o general Thaumaturgo fez muito bem e muito mal, que são todos amigos, etc., etc.

Eu já me vi ás voltas em equações do 4º grão, já tentei aprender sanskrito, já queimei as pestanas para analysar as estrophes XXIX e LXVII dos *Lusiadas*, e nunca lidei com caso tão complicado como esse. Os leitores entenderam? Eu, confesso que não.

Confesso tambem que não entendo o equilibrio daquella pobre filha de Eva que está suspensa pelas canellas na gruta do marechal Floriano. Segundo a opinião de um architecto notavel, o monumento está invertido. Aquillo é evidentemente o marechal deitado numa banheira e uma mulher de pé espantando as moscas. O mestre d'obra que montou a trapizonga leu na discripção *bandeira* em vez de *banheira*, e collocou-a vertical, ficando a pobre mulher numa posição evidentemente contraria a todas as leis da physica. E' um paradoxo physico, semelhante ao parodoxo financeiro da Caixa de Conversão

Como se sabe ha no paiz tres especies de moeda papel: a nota do Thesouro, a nota da Caixa de Conversão e a nota falsa. Deixando de parte esta ultima que não é de curso forçado, vejamos o que acontece ás duas outras. A nota do Thesouro de 100$, em relação ao fundo de garantia, tem um lastro-ouro equivalente a menos de 4$000. A nota de 100$ da Caixa de Conversão, ao cambio de 15, tem o seu lastro integral de 100$ ouro. Se o cambio da Caixa for elevado a 16, isto é, se o ouro baratear um ponto, as notas conversiveis actuaes ficam um pouco depreciadas, segundo dizem, e valerão menos que as inconversiveis; isto é, uma de 100$ garantida, digamos por 80$ de ouro, valerá menos que outra nota de 100$ garantida apenas por 4$000 do mesmo metal Isto é claro como agua mas ninguem entende.

O Kaiser da Allemanha, por ser mais baixo que a sua imperial consorte, sempre que se photographa com ella obriga-a a ficar sentada.

Afim de evitar a monotonia de posições nas photographias dos augustos imperantes sem que estes invertam as posições e sem que o Kaiser saia mais baixo que a imperatriz si se photographaram em pé, o Dr. Oscar Lacerda inventou um systema de tacões feitos de trilho de bonde e que pregados nas botas militares de Guilherme o tornarão quatro polegadas mais alto que Victoria, embora o impeçam de andar.

Os medicos de Philadelphia, com o humanitario intuito de descobrir o serum contra a tuberculose, estão fazendo injecções de uma nova tuberculina em creanças pobres.

Os resultados dessas injecções são consoladores para a humanidade, pois até agora tem morrido noventa e cinco per cento das creanças submettidas á experiencia.

José Joaquim Ribeiro

Diz a sabedoria das nações que a força de vontade mais resoluta é aquella que é filha do desespero. Mas no grande romance da vida pratica, ha homens cuja perseverança e força de vontade vieram, já, do berço, cuja coragem mascula para os grandes tentamens, para as emprezas arrojadas, para os arrojos extraordinarios vieram do nascimento, vieram do instincto innato áquelles a quem são dadas as grandes iniciativas.

Na estimada pessoa do Sr. José Joaquim Ribeiro, resume-se a dissertação que vimos de fazer. Cavalheiro distincto e amavel, filho do grandissimo Portugal, onde quer que appareça a sua figura sympathica, captiva logo pela bondosa expressão de physionomia e lealdade de olhar.

E' seu pae o Sr. José Ribeiro estimado capitalista que lhe legou toda uma grande honradez de caracter impolluto, toda uma santa dedicação á causa sacratissima da Patria e da familia.

Mas o Sr. José J. Ribeiro nesses vinte annos de labuta nas terras de Santa Cruz, é tambem brazileiro e o é de coração.

De pequeno habituado, affeito a esse ganhapão honesto do commercio, cuja argamassa é conseguida com o suor do rosto, quantas vezes talvez, quando elle ainda dava os primeiros passos na subida escabrosa da montanha da vida, não sentiu vergarem-se-lhe as pernas fracas, o arcabouço curvar-se-lhe exanime.

Mas era preciso lutar, lutar é viver, e o combate sem treguas, a lufa-lufa quotidiana, as preoccupações, as noutes mal dormidas, a insomnia!

Tanto mais que a imagem da patria longinqua, saudosissima, a lembrança do pae querido; a saudade da doce velhinha tremula, que o beijara, que lhe mostrara o caminho e que o abençoara, risonha, fallavam-lhe á alma!

Assim como o marujo que parte mar em fóra sem outro patrimonio que o amor dos paes, velhinhos, que lhe acenam de longe num adeus de despedida; sem outro amparo que a fragil casca de noz que lá vai, boiando atoa, sobre o mar; sem outro impulso que o do vento beijando a vela, impellindo o navio — elle lutou para que mais tarde pudesse volver á velha patria, ao velho ninho, ao risonho casal em que vira primeiro a luz do dia, ao logar em que nascera.

E fez-se heroe, lutou, venceu! Eil-o hoje descendo o outro lado da montanha.

Conquistou em todo um ininterrupto labutar de vinte e cinco annos, senão um nome honrado, que o já tinha, pois que o pae lh'o dera; nem brazões de nobreza, porque possuia a nobreza do trabalho — mas pelo menos tranquillidade para os annos que ainda lhe hão de restar, e muitos, na longa perigrinação por este valle de lagrimas.

Nasceu o Sr. José J. Ribeiro na cidade do Porto no anno de 1889 sendo hoje um dos primeiros negociantes da Capital Federal estabelecido com um grande e importante armazem de comestiveis e bebidas finas, no Largo da Carioca n. 16, aonde é sempre procurado pelos seus amigos e conhecidos.

FOLHINHA DA «CARETA»

MEZ DE MAIO

DIA 21 — *Sabbado* — Hoje, jejum geral. S. Marcos *Cavalcanti*, facultativo da côrte celeste. S. Valente, defensor das prerogativas. Continúam as festas pelo não acabamento do mundo.

Calendario positivista — Este mez é dedicado ao catholicismo, 1 de cardeal Arcoverde de 122. *S. Lucas*, historiador. *S. Thiago*, matador de turcos.

DIA 22 — *Domingo* — S. Faustino mão santa predecessor do hyerophantissimo Teixeira das 7 palmeiras.

Calendario positivista — 2 de cardeal Arcoverde de 122. *S. Cypriano*, autor de um livro de feitiçarias.

DIA 23 — *Segunda-feira* — S. Epitacio, boa pessoa do Supremo, pae putativo de platafórmas. S. Miguel *Calmon*, ex-Benjamin do ministerio. O Benjamin hoje é o Sr. Rodolpho Miranda, S. Mercurial, santo de que ninguem gosta.

Calendario positivista — 3 de cardeal Arcoverde de 122. *S. Athanasio*, que ninguem conhece.

DIA 24 — *Terça-feira* — S. Rogaciano *Teixeira*, conferente da côrte celeste. Transladação de S. Domingos para a Praia Grande.

Calendario positivista — 1 de Carlos de Laet de 122. *S. Jeronymo*, marido de S. Barbara, padroeiro contra as trovoadas.

DIA 25 — *Quarta-feira* — S. Gregorio, varão entrado em annos.

Calendario positivista — 2 de Carlos de Laet de 122. *S. Ambrosio*, autor de livros muito interessantes.

DIA 26 — *Quinta-feira* — S. Felippe Nery, creador de gallinaceos. S. Paulino de Souza, opposição permanente.

Calendario positivista — 3 de Carlos de Laet de 122. *Santa Monica*, mãe de S. Agostinho, varão muito dado a discursos commemorativos e artigos de a pedidos.

DIA 27 — *Sexta-feira* — S. João Papa, inventor das ditas.

Calendario positivista — 1 de Oliveira e Silva de 122. *S. Agostinho*, filho da acima referida Monica.

Franqueza

A mulher senta-se ao piano, abre a bocca e executa uma vez ainda o "Vissi d'arte..."

O marido immediatamente se levanta da cadeira onde pacatamente lia o jornal e vae para a janella.

— Oh homem! Sempre que eu começo a cantar foges da sala para a janella. Porque semelhante procedimento?

— Nada. Quero que os visinhos vejam que não sou eu quem te faz gritar.

Entre noivos:

— Posso beijar a tua mãosinha, meu querido anjo?

— A mão? Ora, custa mais a tirar a luva do que levantar o véo.

O Rio de Janeiro. — O Sylvestre ao por do sol.

INSTANTANEOS

Mme. Valladares

O Barão do Rio Branco ao Ernesto Senna:
— Quanto invejo o cometa de Halley!
— Porque, Barão?
— Pela cabelleira.
— Tem razão. O cometa não tem a calva á mostra.

O deputado Gracho Cardoso apresentou ás Camaras reunidas o seguinte projecto de lei:

Art. 1º — Todo o homem que tentar suicidar-se pôr amor será immediatamente casado com a dama causadora do seu acto de desespero.

§ Unico — Caso esta seja casada, será descasada para casar.

Art. 2º — Toda a mulher que tentar suicidar-se pôr amor será immediatamente suicidada.

Art. 3º — Todo o individuo, homem ou mulher, que se suicidar pôr amor será excommungado pela Igreja separada do Estado, afim de que não tenha entrada no Paraizo.

Art. 4º — Publique-se este decreto para conhecimento dos suicidas.

Art. 5º — Revogam-se as disposições em contrario.

Consta que a maioria parlamentar apoiará sem discrepancia o digno projecto do Sr. Gracho Accioly.

Numa redacção: Ao revisôr que lê attentamente a folha exposta á venda nesse dia pergunta um companheiro:
— Estás relendo tudo?
— Estou vendo os pasteis que devia ter visto antes da folha ser impressa.

Escolas-Modelo Rodrigues Alves e Deodoro

Em roda da estatua do visconde do Rio Branco, por occasião das festas de 13 de Maio.

Soneto

Si Satanaz um dia só deixasse
O inferno em busca de almas e genial,
Astuto e caprichoso penetrasse
Em teu marmoreo corpo esculptural;

Si a expressão de teu rosto conservasse
Sempre pura, graciosa, angelical,
Si o brilho de teus olhos não tirasse
E arfar fizesse o collo sensual;

Si o riso da volupia, finalmente,
Imprimisse sagaz, maldosamente
Em tua linda bocca seductora,

Certo seu fim cruel conseguiria:
E mil almas comsigo levaria
Como trophéos da carne vencedora.

S. Paulo.

VITAL FOGAÇA

* * * Aos que, tendo acreditado na destruição do mundo pelo cometa de Halley, esbanjaram em gostosas pandegas os grandes cabedaes cuja falta agora deploram; aos infelizes namorados que, na imminencia da catastrophe, realizaram consorcios apressados, de que sempre se arrependerão; aos que deixaram de praticar o bem e o mal pela certeza da inutilidade de ambos; aos que se despiram das suas virtudes para bem gozar os ultimos instantes de vida, aos que arrancaram a mascara amavel da hypocrisia mostrando vicios e defeitos cuja publicidade os prejudicará perpetuamente, a quantos a passagem inoffensiva do luminoso vagabundo causou amargura ou decepção — apresentamos, nestas linhas afflitas, os nossos pezames por não termos acabado com elles e com este velho globo terrestre em que, a despeito de tudo, pedimos a Deus nos conserve com vida.

Murros, imprecações abalam o Senado!
Gravemente falando ao Pinheiro Machado,
Germano, o folgazão, diz, espantado e sério:
"Veja como está branco o general Glycerio."

Entre noivos

— Porque é que tiraste o "pince-nez"?

— Não tenho mais necessidade delle. Já a vista não me dóe.

— Que pena!

— Não me doer a vista?

— Não, teres deixado o "pince-nez". Dava-te um aspecto tão differente.

— Sim?

— De certo. Tinhas até um ar de intelligencia.

ZEBALLOS

O SEU DESCREDITO — A SUA IMPOPULARIDADE

E' com a mais intensa das alegrias patrioticas que a *Careta*, depois de um grande e feliz esforço de reportagem, pode e vem contribuir para o descanço da nossa chancellaria confirmando as desapaixonadas e cathegoricas informações da nossa grande imprensa sobre a impopularidade e o descredito do Sr. Zeballos em sua patria.

Que o Sr. Estanisláo Zeballos é uma figura apagada está insophismavelmente demonstrado pelo incessante rumor que ha tres lustros cerca o seu nome e que não tem importancia demonstra-o o facto de já ter sido ministro.

As suas idéas em relação ao Brasil são formalmente repudiadas por todos os argentinos, porém são defendidas, sustentadas e propagadas pela maioria da imprensa de Buenos-Ayres e por todos os jornaes das provincias.

Para o governo argentino, que o nomeou seu representante no Congresso Pan-Americano, o Sr. Zeballos não vale nada, absolutamente nada — apezar de ter sido o inspirador da Argentina na questão Perú-Bolivia e ter prestigio para arrancar armas de um arsenal e arranjar navios que as transportem, como succedeu ha pouco, quando o patacho *Piagio* conduziu o armamento retirado do arsenal da Republica Argentina para ser entregue aos *blancos*, alliados de Zeballos, no Uruguay.

O desprestigio de Estanisláo perante as massas e a classe culta tambem está cabalmente demonstrado pelas acclamações com que aquellas o acolhem, e esta o festeja, como ainda, ha uma semana, no ruidoso banquete de Buenos-Ayres.

Estanisláo Zeballos é um homem morto na Republica Argentina: — quem nol-o diz é o governo de Buenos-Ayres que, applaudido por toda a imprensa portenha e sustentado pelas sympathias populares, procura guindal-o á presidencia do Congresso Pan-Americano.

Descance, pois, a nossa chancellaria e descance o nosso povo. Acreditemos na morte de Zeballos em quanto as suas idéas germinam para mais tarde — 1912 ou 1914 — desabrocharem em selvas de aço nos campos do Rio Grande do Sul.

No Senado, depois da sessão pavorosa, conversavam os senhores Frederico Borges e Ribeiro Junqueira.

— Fizeste um papelão dos diabos, Borges. Os teus ditos foram desastrosos.

— Não fui brilhante, é certo, mas é preciso ver que eu tive falta de memoria.

— Pois parecia falta de preparo.

O Sr. Borges pigarreou, e disse:

— Tambem, Junqueira, estiveste de um caiporismo formidavel. Os teus brados foram calamitosos.

— E' que eu tive falta de palavras.

— Pois parecia falta de intelligencia.

O Sr. Junqueira pigarreou e desappareceu.

CONCURSO DE BELLEZA INFANTIL

Somente no proximo numero poderemos dar cumprimento á nossa promessa de publicação das photographias das 24 creanças que foram escolhidas para sobre ellas decidir o publico as que devem occupar os logares marcados em nosso concurso de belleza.

O preparo das gravuras foi um tanto retardado por affluencia de materia urgente. No proximo numero porém daremos plena satisfação aos nossos leitores e principalmente aos gentis concurrentes, apresentando em tres paginas artisticamente ornadas as lindas carinhas das creanças que solicitam os premios que a *Careta* distribuirá aos classificados.

Abstracções conjugaes

— Olha aqui o que diz este jornal, Frederico. Que indignidade! Deve ser mentira, por força.

— O que é?

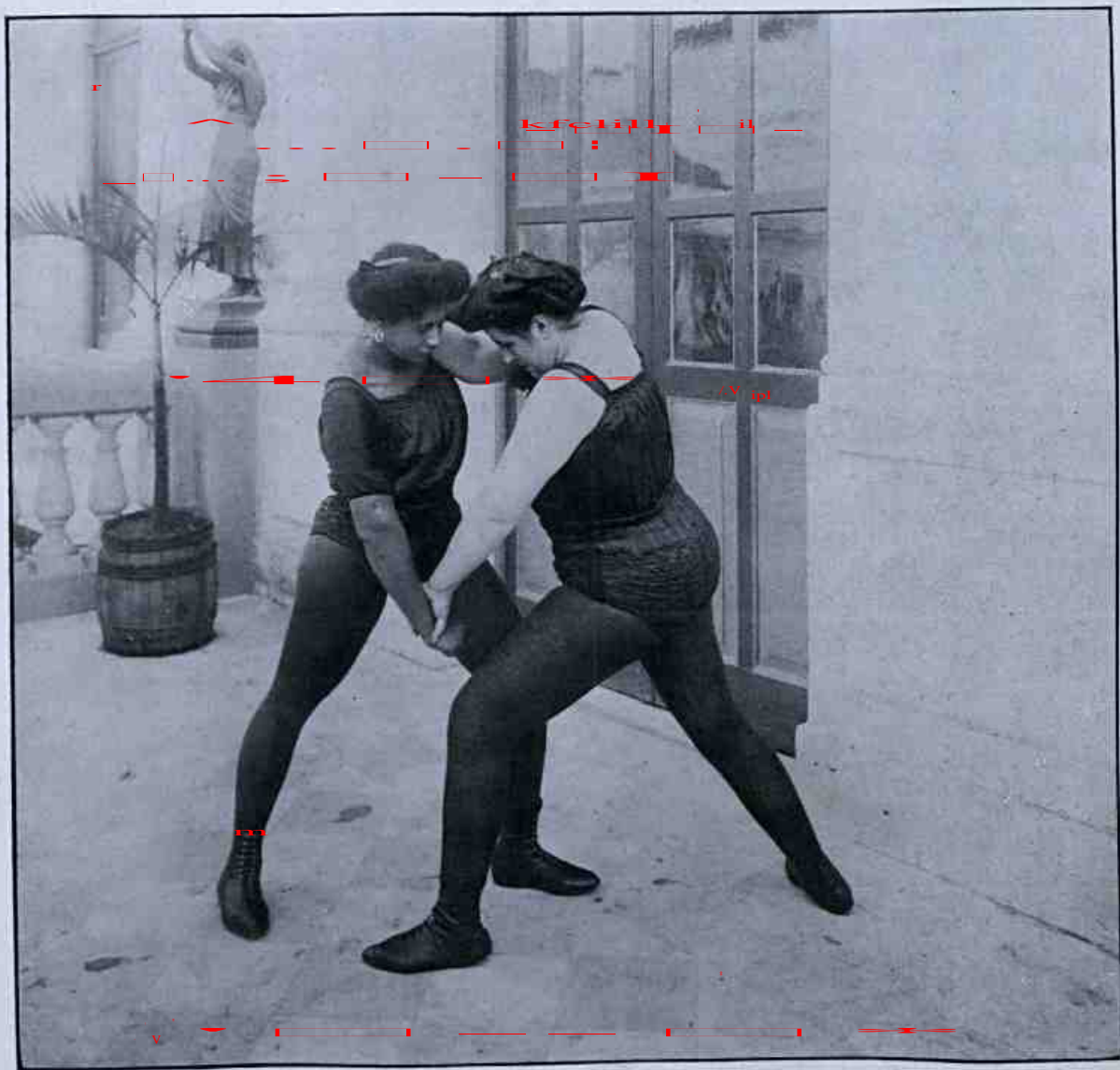
— Diz que nas ilhas Salomão uma mulher póde valer uns 50$000. Que dizes a isso?

Elle, distrahidamente:

— Ora, sendo boa pode valer até muito mais.

— Tenho muito prazer em conhecel-o meu caro senhor, de mais a mais apresentado aqui pelo nosso commum amigo Dr. Tiravidas. Mas parece-me que já o encontrei em qualquer parte...

— E' possivel... é possivel, costumo ir lá muitas vezes.

A LUTA ROMANA DE MULHERES

Uma "prise". Morgan (a mulata) e Nero, alcunhada Minas Geraes, em virtude das suas avantajadas proporções estheticas.

INSTANTANEOS

Mlles. Eurydes e Noemia Soares

Cartas Intimas

Meu amigo

Eu creio, e como eu muita gente que dispõe de um pouco de lucidez de espirito, que o grande mal que pesa sobre nosso paiz, aquillo que mais ferozmente o avassalla e conduz lentamente á beira de um immenso abysmo, é a mania cruelmente enraizada de seus filhos se julgaram tudo — francezes, inglezes, suecos, belgas, polacos — menos brazileiros.

Existem entre nós pessoas que, envergonhadas talvez de terem nascido entre essas bellas "palmeiras onde canta o sabiá", respirado o ar puro que se evola das montanhas que cercam a cidade gloriosa de Mem e Estacio, crescido á luz benefica de um sol sempre ardente, em meio de uma natureza ideal que o mundo inveja, transformam-se da noite para o dia em personagens completamente disfarçados, que têm ao rosto a mascara que os defigura e envergam a attitude especial que Simplicio, quando acaso deparar com sua figura extranha, estaque boquiaberto, indagando de si proprio, Simplicio estupefacto, de que plagas remotas veiu *aquelle*, a que paragens longinquas se dirige *aquelle*. E é justamente para isso, meu caro, que tudo se faz, unicamente para *épater le bourgeois* retrogrado e banal que se chamou Simplicio e jamais despiu do corpo a investidura malleavel da simplicidade.

Vem commigo e toma logar commigo a uma das mesinhas que *João Snob* (digamos *João Snob* o representante fiel d'essa raça maldita) tirou do fundo escuro e quente das confeitarias e lançou ao passeio claro e fresco das avenidas. Emquanto o *garçon* prepara-nos essa mistura de todas as bebidas que João Snob denominava *coock tail*, observemos o desfilar pausado e elegante das fitas do Grande Cinematographo.

Lá vêm, nem de proposito, duas entidades suspeitas. Dão-se o braço. O de fora, vestido apenas com o fito unico de encobrir a nudez; ralo bigode cabisbaixo, oculos que lhe dão um tom de impenetravel gravidade, cigarro apagado ao canto da bocca muda, parece philosophar profundamente.

O de dentro: roupa riscada de um xadrez berrante, a que elle chama *veston*, cara rapada como a de um antigo romano, grosso cachimbo fumegante entre os dedos, sapatões que experimentam a boa solidez das calçadas; vem discutindo altas questões de *turf*. Só fala em *jockeys* e *steeple-chase*.

Qual dos dous te parece o inglez?

— Ora! dirás tu, o de cá, naturalmente. Logo se percebe.

Enganas-te, amigo, este nasceu aqui, em plena rua do Hospicio, nunca foi a Londes, nem cursou a Berlitz. E' João Snob. O outro sim, é inglez é *mister* John.

Tu de certo afogarás no *grog* o teu natural espanto. Entretanto, eu prosigo, indicando-te um casal que apparece alem.

Ella muito loura, vestindo de branco, sombrinha branca; elle tambem louro, articialmente imberbe (sim, porque João Snob não concebe extrangeiro barbado).

Passam por nós. Ella diz: — *O mon Dieu! Que cette ville nous embete!* Elle diz: — *Oui, ma chérie, c'est horrible!*

Dirás talvez que são francezes, legitimos parisienses da *Chaussée-d'Autin*. Enganas-te de novo: elle é o Silveira, barbeiro em Macahé, ella é a Rosinha, educada nas Irmãs.

Levantemo-nos. Eu pago. Entremos na confeitaria que tenho a comprar umas empadas para a sogra. Olha para dentro. Quem vês? João Snob, gola erguida... tomando um sorvete!

Não te admires, filho; o outomno é entre nós, mas é inverno em Paris, dizem-no os calendarios da Moda — os figurinos.

Saiamos. Repara aquelle grupo. Lá está João Snob de cartola, paletot-sacco e luvas. E' muito commum na Inglaterra, o proprio rei o usava. Eduardo VII! A quanto obrigava esse eterno *gentleman!* Um dia em que elle ia ás corridas e um tanto atrazado para chegar a tempo de assistir ao successo de um dos seus cavallos, apressou-se no vestuario e deixou de abotoar a luva da mão direita e o ultimo botão do collete. No dia seguinte toda a côrte se esquecia de abotoar a tal luva e o collete. O rei usava! No mez seguinte todo o mundo elegante, que se préza de saber vestir, cahia na mesma falta régia.

Até que um dia esse *tic* do bom gosto chegou ao conhecimento de João Snob. Então elle immediatamente, com a presa de alguem que commette um erro grave e procura corrigil-o antes que o denunciem, arrebentou os botões da luva dextra e desabotou todo o collete.

Em sociedade é um goso vel-o, esse disfructavel João.

Convidam-no para uma reunião intima, tão intima que receiam convidal-o, e pedem-lhe modestia no vestuario. A' meia-noite elle faz a sua entrada triumphal. Vem de casaca e gravata branca. Um amigo censura-o, fal-o ver que vae ficar deslocado. Elle replica, encolerisado:

— Que queres? Não posso vir mais modestamente. E' assim que eu janto!

Decorre a festa, cada vez mais familiar e despida de etiquetas. O nosso intransigente *smart* posta-se a um vão de sacada, mantendo sempre uma profunda linha. Aproxima-se o dono da casa, muito chão no seu rodaque branco, e diz-lhe:

— O cavalheiro não dansa? Deseja um par?

— Não, meu caro amphitrião, responde elle com *pose*. A dansa nos tempos correntes constitue para mim a mais torpe das burguezias. Súa-se muito e o suar é burguez, muitissimo burguez.

O pobre homem sae d'alli confuso, só percebendo de tudo aquillo que João Snob é um perfeito malcriado.

E de que vive e como vive esse fero campeão de luctas elegantes? Até o momento em que te escrevo paira sobre este assumpto um enorme ponto de interrogação. Só te posso adiantar que tem muita lábia e muito expediente. Sabe illudir o proximo como todas as cousas.

Ha muito que eu me propuz uma missão bem ardua e escabrosa: estudal-o por dentro, sondar-lhe o intimo até o ponto que se tórna obscuro ás minhas indagações. E consegui tirar d'alli uma conclusão unica, que derrota e esmaga: os seres animados que se revestem de uma tal couraça para affrontar as borrascas do vasto pélago da vida... são uns pobres diabos.

Um desses bellos domingo de sol que só possue Sebastianopolis, esperava eu o *bond* em um dos pontos mais concorridos para ir ter com um amigo num arrabalde. Subito, surge-me á frente um membro d'essa funesta legião, bem vestido e aceiado (ao menos, apparentemente). Começa a falar de tudo e de todos. Arróta as mais nababescas grandezas. — E' um misero megalomaniaco, penso eu. Deixal-o. O bruto continúa. Fala-me de emprezas extraordinarias, viagens inesperadas no extrangeiro, companhias fabulosas de milhões de socios... Entretanto, chega o meu *bond*. Vou para tomal-o e o *typo* me agarra, agora de uma intimidade súpplice.

— Então, deixas-me assim?

— Assim, como? faço eu assustado.

— Passa-me ao menos um *nickel*, meu filho.

Teu do coração

João da Posta

Conversas

Em uma "soirée":

— Tu estavas para casar ha tempos.
— E' verdade.
— Com a Isaura Fagundes.
— Justamente.
— E então? O casamento quando é?
— Está indefinidamente adiado.
— Porque? Brigaram?
— Não.
— Porque foi então?
— Ella casou com outro.